



Alfonso de los Rios

A. GONÇALVES DIAS

(ESBOÇO CRITICO)

I



ma das manias do nosso seculo consiste em fazer descer do seu pedestal os vultos mais notaveis, em procurar acanhar-lhes as proporções, a fim de poder medir pela bitola vulgar essas estatuas gigantes, ante as quaes todos se curvam com um involuntario respeito.

Os nossos contemporaneos não gostam da vaga e mysteriosa auréola, que circumda as fronte, que se elevam acima do nivel commum. Não querem entrever apenas, lá ao longe no Capitolio inacessivel, os vultos dos semi-deuses, cercados da luminosa nebulosidade da gloria. Não descançam, emquanto não arrancam o diadema a essas fronte sublimes, não socegam emquanto as aguias não baixam o vôo, para se prestarem á banal curiosidade das aves vulgares, que, encerradas na gaiola da vida material, não podem seguir com a vista o vôo da rainha dos ares no espaço illimitado. Não acreditam no Deus, emquanto não presenciam a incarnação. Divinizam com a condição de se convencerem

que são homens aquelles, cuja apotheose fizeram. Sois grande? Embora! mostrai-nos, primeiro que tudo, que podeis ser pequeno. Tocais com a fronte no céu? para nol-o provar curvai-a até chegar ao nivel da nossa. Sois Cesar? Para nos convenceremos d'isso é preciso que nos mostreis os titulos que podeis fazer valer para assumir a dignidade de João Fernandes.

É por isso que se procuram e lêem com avidéz as biographias dos grandes homens, as memorias da sua vida intima, as revelações do seu criado de quarto. Que prazer sabermos por exemplo que Victor Hugo toma café com leite exactamente como qualquer de nós! Esta communiidade de gosto já nos aproxima um tanto mais do grande poeta! Isto basta para nos convenceremos um pouco que somos collaboradores do proscripto d'Hauteville-House! Quando estamos saboreando uma chavena da deliciosa bebida, hesitamos em decidir, com a mão na consciencia, se estamos almoçando, se estamos escrevendo as *Orientaes*.

O poeta, o phylosopho, o historiador, o guerreiro, o romanista, o naturalista, o mathematico existem em pinaros inacessiveis ao vulgo, em regiões defezas e mysteriosas, aonde, por mais audazes que sejam, não podem chegar nem os passos nem as vistas dos curiosos. Mas a par do poeta, do sabio, do pensador ha o homem, o homem, que fica preso ao tremedal em quanto o grande espirito desprende as azas candidas, e se eleva aos espaços serenos da inspiração.

Aarão caminha sempre a par de Moysés. Mas quando a voz do Senhor Deus troveja nas alturas, quando os cimos graniticos do Horeb cingem a sua corôa de relampagos, quando o chammejante tabernaculo illumina com os seus reflexos escarlates o campo israelita, então é só o austero patriarcha quem ousa galgar até á deserta planura, só elle ousa ir encontrar-se com os raios que lambem as rochas com as suas linguas de fogo, é elle só quem ousa interpor entre si e o mundo real o véu de chamma que o esconde aos olhos do povo hebreu. Aarão, o inseparavel, fica no meio dos seus; os descendentes de Jacob prostram-se com a fronte no chão, ao ouvirem o echo longinquo do mysterioso dialogo de Jehovah e do seu confidente, mas, familiares com o irmão do propheta, fazem chegar sem escrupulo aos seus ouvidos gritos de desobediencia, e fabricam e adoram, a seu pezar, o idolo sacrilego, o impio bezerro d'ouro.

Todo o homem de genio tem consubstanciados em si mesmo o sublime propheta, e o sacerdote banal, Moysés e Aarão, Moy-

sés que impõe o respeito, Aarão que incita a familiaridade, Moysés que se perde aos olhos do vulgo no insondavel mysterio do deslumbrante Sinai, Aarão junto do qual a turba passa indifferente, e que nada tem que o distinga do resto das tribus, senão o ser irmão de Moysés.

É a entidade prosaica, a entidade vulgar aquella, d'entre estas duas, que o publico deseja mais conhecer. Como que tremendo que o homem portentoso deixe de pertencer á humanidade, lança mão do laço que o retém á terra e procura convencer-se, certificando-se da sua propria semelhança com Aarão, que pôde ser igualmente semelhante a Moysés! Pequena vaidade! Ligeira velleidade d'orgulho!

Este seculo tem satisfeito prodigamente o desejo do publico.

Em poucas épocas tem havido uma tal quantidade d'apontamentos biographicos, de noticias, de memorias, etc.

Haverá poucas pessoas que tenham lido todas as obras de Balzac, mas tambem ha poucas que desconheçam as mais minuciosas particularidades do modo de viver do auctor da *Comedia humana* na sua propriedade das Jardies! Nem todos saberão ao certo sobre que assumptos escreveu Jean Jacques Rousseau, mas todos sabem a côr da casaca do phylosopho suisso e a fórmula da sua bengala. Tem havido n'estas coisas um verdadeiro delirio de minuciosidades!

N'uma época assim parece incrível que eu me encarregasse de escrever um artigo para acompanhar o retrato do sr. Gonçalves Dias, sem possuir um unico apontamento biographico, sem saber um unico facto da sua existencia. Eu explico o motivo.

O motivo é doloroso. O sr. Gonçalves Dias está sendo victima d'uma terrivel doença. Os seus padecimentos aggravaram-se de maneira, que se vio obrigado, por ordem do medico, a deixar de repente Portugal, para ir procurar um ar mais vivificante, um clima ainda mais suave. O estado cruel, em que partio, não consentio que podesse deixar em Lisboa apontamentos, que promettéra. Urgia o tempo. Era forçoso que a *Revista Contemporanea* pagasse a sua divida ao grande poeta brasileiro. Era incompleto o pagamento? Antes isso do que ser nullo, antes isso do que ficar vago, na galeria d'este jornal, o logar que pertencia a Gonçalves Dias.

Eis o motivo porque safo esboço critico, o que devéra ser simultaneamente esboço critico, e esboço biographico.

II

Que terra de poesia, que berço de poetas não deve ser a esplendida região de Santa Cruz! terra onde tudo são aromas, balsamicos ou mortiferos, onde o sol abraza a tez e incendeia a imaginação, inflamma no sangue ardente paixões devoradoras e infiltra doce languidez nas veias das provocadoras creoulas, onde a poesia emfim ri no firmamento azul, chamma nos olhos do jaguar, murmura nas ondas do Amazonas, brame na catadupa do Tejuca, e desfia o seu triplice collar de diamantes um no firmamento em diamantes de luz que são as estrellas, outro para bordar o manto verdejante da terra com os diamantes vegetaes—as flores, e outro que vae ora esconder-se nas entranhas do sol, ora entremeiar-se com as doiradas palhetas dos areiaes.

Terra abençoada! terra d'encantos e prodigios! Esgote embora a cubiça dos homens os thesouros, que se escondem no teu seio, has de offerecer sempre o teu inexaurivel thesouro de maravilhas aos olhos do poeta e do contemplador.

Decepe embora a mão ávida do commercio as tuas arvores gigantes, sempre o sopro fecundo da natureza ha de fazer surgir harpas ingentes, onde a viração desprenda hymnos melodiosos! esgote a cubiça as tuas aureas minas, sempre o sol ha de entornar nos palmares as torrentes d'ouro dos seus raios! colham á porfia as mãos do escravo nas praias dos teus rios as joias preciosas, sempre o colibri ha de esvoaçar, alado diamante, entre a espessa ramagem das florestas! Obscureça embora o fumo dos vapores a tua limpida atmosphaera, rasguem embora as suas quilhas a campina azul dos teus golphos, e dos teus rios, sempre as ondas do Oceano hão de vir beijar-te amorosamente, e sempre do seio d'ellas ha de surgir, risonha Aphrodite, sacudindo o manto d'espuma, a namorada dos viajantes, a tua donosa capital!

Oh! se Deus lançasse nas praias brazileiras, em vez de os collocar nas margens do Mediterraneo, os compatriotas d'Homero e d'Hesiodo, quanto mais graciosas não seriam ainda as suaves ficções do paganismo! Alli sim! O sol ardente dos tropicos, brincando nas aguas espumantes do Tejuca, que formosas nymphas não faria brotar de cada gota d'agua, que fecundasse doirando-a! Como as dryades se regozijariam com o asylo umbroso das florestas virgens, e que suave abrigo não encontraria a candida Diana para os seus mysteriosos amores com o formoso pastor! Que de Paphos e Cytheras não espalhou por alli a na-

tureza, com mão prodiga, para serem o esplendido templo de Deusa do prazer! Que suaves colibris, que lindos beija-flores não correriam prestes a tirarem o doirado carro de Venus!

Ó Anacreonte! a tua lyra marchetada, não já de marfim mas de fulgidas gemmas, que suaves harmonias desprenderia, quando tu te recostasses á sombra do verdejante docel das bananeiras! voluptuoso cantor, que leitos perfumados te estava preparando a risonha região, cuja existencia ignoraste! Loireiraes de Déllos, rosaes de Cythera, olivaes d'Athenas, que sois vós junto dos opulentos vergeis da terra americana?

Predestinado berço da poesia! Que de galas prodigalisadas em vão! que de riquezas escusadas! Que de *coquetterie* perdida!

Mas se não foi nas aguas do Amazonas que se baptisou a poesia, podia pelo menos retemperar-se n'ellas. D'alli deve surgir juvenil e mais fecunda inspiração!

Ha de succeder assim, não succedeu ainda. Por ora os poetas americanos são ainda europeus, e pedem, das plagas do novo mundo, a lyra cançada dos poetas do mundo antigo.

Os poetas brasileiros estão ainda na sua patria, como os nossos antepassados nos paizes, que descobriam e exploravam. A natureza indica mostrava-se-lhes com todos os seus encantos e terrores, e elles contemplavam-n'a atravez do prisma da sua terra natal. A pimenteira do Indostão derramava a seus pés a sua amphora de perfumes excitantes, e elles juravam que se viam no meio dos laranjaes do Riba-Tejo; a *stanopéa* fazia brotar o marfim vegetal das suas flores, e os bons dos guerreiros asseveravam que não era mais que uma açucena. As paizagens do Ganges eram miragens do Tejo, os templos subterraneos rasgados no granito, affiguravam-se-lhes ser as mesquitas moiriscas, onde ainda recentemente elles haviam decepado a meia lua para erguerem a cruz. E assim percorriam, quer fossem chronistas quer fossem poetas, Albuquerque ou Camões, assim percorriam o esplendido Oriente!

Veja-se a paisagem da ilha dos Amores nos Lusiadas! Para pintar aquillo não precisava o grande poeta de passar de Caci-lhas.

Os escriptores brasileiros estão ainda no mesmo caso. O fogo dos tropicos não lhes incendeia os periodos, e as paizagens, que descrevem, conhecemol-as nós melhor do que elles. O corpo dos poetas americanos está na terra de Colombo, a sua alma está na Europa.

Não diremos que Gonçalves Dias está isento d'este defeito. As suas predilecções são as d'um poeta do nosso hemispherio. Mas

as poesias americanas, que escreveu, revelam que, se se quizesse entregar exclusivamente áquelle genero, havia de fundar uma esplendida e original escola.

III

Gonçalves Dias foi, de todos os poetas brasileiros, aquelle cujos canticos encontraram echos mais favoraveis no coração dos portuguezes. E com razão, porque nenhum dos poetas seus compatriotas attingio ao mimo de fórma, que se revela em algumas das suas composições lyricas, á elevação de pensamento, que se encontra n'outras, á opulencia d'imagens que possuem quasi todos.

Gonçalves Dias teve uma honraria, que elle deve prezar acima de todas quantas tenha tido; logo no principio da sua carreira litteraria, quando ainda a sua vocação se mostrava incerta e balbuciante, mereceu a Alexandre Herculano um d'esses artigos esplendidos, como elle os sabe escrever ou antes gravar em paginas de bronze archivadas respeitosaente pela nossa historia litteraria. Propicios fados sorriam ao juvenil poeta. Ainda não obtivera decisiva victoria, e já tinha o triumpho decretado, já a sua estátua campeava no Capitolio. Apenas soltára as pandas velas á brisa da publicidade, logo o Argos poetico subira a transformar-se no firmamento em luminosa constellação.

Era digno do triumpho o triumphador! Mostraram-n'o as successivas victorias, que depois alcançou. Alexandre Herculano não teve que se arrepender da indulgencia, com que animára e acolhêra o poeta brasileiro. Gonçalves Dias não adormeceu á sombra dos loiros, que lhe enramavam tão precocemente a fronte. O fumo do incenso, rescendendo em thuribulo manejado por thuriferario tão prestigioso, não o embriagou enervando-o, deu-lhe brios e animo para progredir. Da ebriedade não colheu a languidez, colheu a excitação. Alexandre Herculano, nos *Primeiros cantos*, não sentira de certo tanto o poeta, como o presentira. Não o enganou o instincto poetico. Se o auctor dos *Primeiros cantos* não era ainda um escriptor de cunho, foi-o o auctor dos *Segundos cantos* e principalmente o auctor dos *Novos* e dos *Ultimos*. O progresso é sensivel. O *Canto do guerreiro* é o precursor d'*Y-Juca-Pyrama*; nas *Poesias diversas* do primeiro volume presente-se o poeta magistral das *Sextilhas de fr. Antão*.

Gonçalves Dias tem duas feições distinctas, a do poeta ame-

ricano, e a do poeta europeu. A primeira adoptou-a, não porque a isso o chamassem as tendencias do seu genio, mas porque estava intimamente convencido que devia tentar aquelle genero, que devia abrir o exemplo, e fundar ou procurar fundar a poesia nacional.

Essas tentativas tiveram o resultado, que se podia esperar do immenso talento de Gonçalves Dias, mas ficaram, apesar de tudo, um pouco descóradas, porque o poeta, a quem a tendencia natural da sua Musa estava constantemente chamando para outro campo, não conseguiu impregnar-se completamente das paixões dos vultos, que punha em scena, nem resentir a influencia das paizagens da sua patria, elle que tinha os olhos constantemente fitos, atravez do Oceano, nas paizagens europeas.

Nas paginas do livro de Gonçalves Dias não projecta a bananeira, agitada pela aragem, a sua sombra vacillante, e o grito de guerra dos Tamoyos não resôa estridulo e selvagem nos bellos versos das acabadissimas composições lyricas do poeta brasileiro. Gonçalves Dias pertence demasiadamente á raça dos conquistadores. Vê-se que o não compungem os infortunios das pobres tribus erradas e perseguidas na sua patria, fugindo aterradas diante dos exploradores, e caíndo prostradas pelo gladio portuguez, como as arvores das suas florestas caíam decepadas pelo machado interesseiro. A singela poesia da sua linguagem, a tristeza caracteristica d'aquellas raças não as reproduziu Gonçalves Dias como na America do Norte as reproduziu Fennimore Cooper. É porque Gonçalves Dias pinta, como o *touriste*, que, vendo um sitio pitoresco, traça á pressa o seu esboço nas paginas do album de viagem, em quanto Cooper pinta como o artista entusiasta, que se apaixona pelos seus modélos. É porque Cooper foi em espirito para os selvagens do seu paiz, o que o seu heroe predilecto, Nathaniel Bempo, o fôra em corpo e alma. Estudou-os, amou-os, familiarisou-se com elles, apaixonou-se pelos seus habitos, pelos seus pensamentos, pela sua linguagem, partilhou as suas tristezas, soffreu com os seus infortunios, indignou-se com as suas indignações. Por isso, mesmo os que não podem avaliar por esse lado as obras de Cooper, sentem instinctivamente a profunda verdade das suas descrições percebendo ao mesmo tempo o que ha de ideal nos typos traçados por Chateaubriand na sua *Atala* e nos seus *Natchez*.

Gonçalves Dias foi para os selvagens da America do Sul o que Chateaubriand foi para os da America do Norte. Escreveu a respeito d'elles poesias admiraveis assim como o auctor do

Genio do Christianismo escreveu a respeito d'estes ultimos paginas admirabilissimas da sua poetica prosa. Mas tanto um como o outro involuntariamente deram trajos europeus ás suas figuras.

É certo que os costumes, os habitos, os pensamentos dos indigenas são fielmente reproduzidos pelo poeta brasileiro, e pelo prosador francez. É certo que se lêem com immenso deleite os periodos da *Atala* e as poesias americanas dos *Ultimos Cantos*. Mas o que lhes falta? Não sei. Perguntem-n'o á sombra de Cooper.

Procurem uma nova pythoniza d'Endor, obtenham d'ella a apparição do phantasma do auctor do *Ultimo dos mohicanos*, e perguntem depois a este o segredo da mysteriosa tinta, com que dava uma tão vigorosa accentuação á physionomia dos seus heróes.

É só isto o que falta ás poesias americanas de Gonçalves Dias para serem perfeitas.

Podemos n'este caso inverter os dois versos das *Contemplações* de Victor Hugo.

*Tout c'est-à-dire hélas!
Peu de chose!*

IV

O talento do auctor dos *Cantos* tem uma vaga semelhança com o talento de Gonzaga. Admittam a transmigração das almas, e convencem-se de que o espirito de Dirceu revive em Gonçalves Dias. Attendam, já se vê, á differença das épocas e á differença das escolas. Gonzaga romantico seria Gonçalves Dias, Gonçalves Dias classico seria Gonzaga.

Ambos os poetas possuem o mimo da fórma, a delicadeza do sentimento, o espirito phylosophico, e as tendencias para o scismar contemplativo desfiguradas em Gonzaga pelas manias bucolicas do seu tempo e pelo deploravel systema da imitação dos gregos e dos romanos. Soltem Dirceu das cadeias com que voluntariamente se prende a Anacreonte, livrem-n'o do menino Idalio, de Venus e do cortejo Olympico, deixem-n'o soltar as azas e verã se elle não escreve os *Seus olhos*, e outras composições lyricas de subido merecimento, perolas que encontrãmos a granel no livro de Gonçalves Dias.

Se quizermos fazer a comparação, se quizermos mostrar a vaga analogia que existe entre os dois poetas compatriotas, se-

parados por um seculo, e por um seculo tal que bastou para rasgar entre estes dois talentos talvez irmãos um precipicio, que não abriam de certo intervallos de tempo duplos ou triplos em épocas anteriores, se quizermos indicar o ar de familia, o cunho de parentesco litterario que existe entre o poeta brasileiro do seculo XVIII e o poeta brasileiro do seculo XIX, é necessario que ponhâmos de parte a scintillante alfayada das duas escólas, de que os mais talentosos escriptores não podem deixar de se revestir.

Para se reconhecer a verdadeira indole dos grandes poetas é necessario ter-se a paciencia sufficiente para arrancar o oiropel, com que os desfigura sempre mais ou menos o genero mais ou menos piegas em voga no seu tempo. É raro que o publico, idolo em cujos altares os escriptores se vêem sempre obrigados a sacrificar, não exija que estes queimem nos thuribulos, d'involta com o mais puro incenso, a herva menos aromatica que é possivel encontrar-se. E é para ver como o bom do publico se delicia com o equivoco perfume da hervasinha rasteira. E nuvens balsamicas do incenso, que sobem enovelando-se nos ares, passam despercebidas para o vulgo, e vão incantar os olfatos mais delicados d'um pequeno numero de apreciadores.

O oiropel, que deslumbra o vulgo, a herva, cujo aroma o inebria foi no seculo XVIII o madrigal, no seculo XIX a chacara ao principio, depois a poesia para recitar ao piano. Para podermos avaliar os grandes poetas do seculo XVIII temos de os descascar pacientemente de duas ou tres camadas de madrigaes, d'achrosticos, e de trocadilhos, como para avaliarmos a belleza d'uma cathedral gothica temos de esperar que o obreiro destrúa as coiraças de cal com que os artisticos sacerdotes do nosso tempo costumam defender das vistas dos profanos as obras primas do passado, ou como para se encontrarem os escriptos dos gregos e dos romanos tiveram os bibliophilos da renascença de fazerem desaparecer dos pergaminhos os codices monasticos, que escondiam os austeros pensamentos de Cicero ou os doces versos de Virgilio debaixo das parvas locubrações do beaterio fradesco.

Seguindo este systema com o amante de Marilia, havemos de perceber que apesar das Venus, dos templos do ciume, e das settas e aljavas de Cupido, Dirceu possuía fino sentimento, e uma vaga tendencia para a *rêverie*, qualidades que encontramos em Gonçalves Dias no grau mais elevado.

Ainda que o antigo poeta se disfarce debaixo dos trajos usados do pastor bucolico, ainda que o moderno se apresente na-

turalmente diante do publico, é igual o affecto, que ambos consagram aos campos, é igual o vivo sentimento da natureza, é igual o doce enlevo, em que se perdem, quando a saudade lhes vem affagar com as suas negras azas a fronte pensativa. Lembram-se d'uma das lyras melanclicas da *Marilia de Dirceu*, em que o poeta não reconhece os sitios onde vagueou outr'ora feliz e descuidoso? Lembram-se d'essa obra prima de sentimento, de naturalidade que tem este estribilho, por cuja exactidão me não responsabiliso porque cito de cór :

São estes os sitios
São estes, mas eu
O mesmo não sou,
Tu chamas Marilia!
Espera que eu vou!

Lembram-se, não é verdade? Apreciaram a suavidade, o sentimento, a graciosa gentileza d'aquella obra prima? Abram agora os *Segundos cantos* de Gonçalves Dias, vejam a obra prima, que se intitula *Solidão*, uma pérola de lyrismo e de frescura, e digam-me se Gonzaga, vivendo no meio em que vivia o moderno cantor, não a escreveria tambem pouco mais ou menos assim.

Permíttam-me que cite algumas estrophes:

Fujâmos para o deserto ;
Vivâmos alli sósinhos,
Sósinhos mas descuidados,
D'estes cuidados mesquinhos ;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti!

Quando depois nos tornarmos
À terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

.....

.....

Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de côr sombria,
Como o sol, pintor mimoso,
Seus accidentes varia ;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!

Como alli sente-se a vida
 Melhor, mais viva, mais pura,
 N'aquella eterna verdura,
 N'aquelle eterno gozar!

Vem commigo, oh! vem depressa,
 Não se esgota a natureza;
 Mas desbota-se a innocencia,
 Divina e santa pureza,
 Que dá vida aos objectos,
 Feituras da mão de Deus!

Vem commigo, ó doce amada,
 Que são estes os caminhos,
 D'onde eu enxergo os anjinhos,
 Que tu vês nos sonhos meus.

Como vêem, Gonçalves Dias é principalmente um poeta mimoso, de inspiração suave, e de suaves paixões; é um d'estes poetas, que, ao contemplarem o sol posto, se enlevam na doce melancolia, que espira essa hora tão saudosa, e não se prendem em phantasiar palacios incendiados, vulcões, cataractas de chammas, nas nuvens do occidente sobre as quaes lança reflexos escarlates o clarão moribundo do sol que se atufa nas aguas.

Comtudo isso não obsta a que as suas poesias sejam sempre revestidas d'um esplendido colorido, e que as mais opulentas roupagens se despreguem e ondeiem em torno da idéa suave e mimosa. As poesias de Gonçalves Dias são como que rainhas melancolicas; arrastam sedas e oiro, veludos e brocados, mas não erguem a fronte altiva e soberana, deixam-n'a descair ao peso de languida tristeza, e o orgulho do throno não lhes encrespa os labios, onde fluctua apenas um vago e meigo sorriso.

Phylosopho e crente, ha nas poesias, a que deu o nome de hymnos, a suave uncção religiosa de Lamartine. Como o poeta francez, gosta de ir orar sósinho ao templo, quando a nave mysteriosa recebe apenas o timido clarão do crepusculo. Como o poeta das *Meditações*, ao debruçar-se sobre o cadaver, sente vigorarem-se-lhe as suas crenças na immortalidade, e na effusão do seu coração, solta dos labios esta magnifica estrophe:

Sae da larva a borboleta,
 Sae da rocha o diamante,
 De um cadaver mudo e frio
 Sae uma alma radiante.

Não posso terminar este rapido esboço critico, sem fallar n'uma optima producção de Gonçalves Dias, em que se revela exuberantemente não só o poeta, mas o erudito, em que o seu talento se não esfolha já em poesias fugitivas, mas em que prova a sua robustez d'um modo esplendido. Refiro-me ás poesias, a que elle deu o nome de *Sextilhas de fr. Antão*.

Disfarçando-se debaixo d'este pseudonymo, adoptou Gonçalves Dias a linguagem, e a pittoresca ingenuidade litteraria d'um monge poeta do seculo XVI. Depois de Castilho no maravilhoso auto que vem no drama *Camões*, ainda ninguem foi tão feliz no ousado commettimento.

As *Sextilhas* são verdadeiramente um thesouro, um thesouro de graciosa singeleza, de fino espirito, de primorosa narração. *Mustaphá e Gulnare* principalmente é uma composição admiravel. Mostra-se ali de quão subidos quilates é o merecimento do poeta brasileiro.

Eu tinha tentações de tudo citar; não m'o permite o espaço de que disponho. Não resisto com tudo a transcrever, ao acaso, estas sextilhas do *Soláo de Gonçalo Hermigues*, em que o bom do frade falla com muita graça e ingenuidade de expressão na antiga usança dos torneios:

A abelha construe seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa
Que, em abraços apertados,
Não cinge mesquinhos juncos,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley — mas eu creio
Que lhe descubro hum senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de vêr-se,
E coiza de mui folgar,
Vêr um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
Á pura força da espada
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,
Sob pena d'hum fendente,
Que vem do céo, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como hum perro maldizente!

Se houvesse jornaes no tempo de fr. Antão, estou que o monge era proclamado folhetinista por unanimidade de votos.

É realmente admiravel como Gonçalves Dias conseguiu impregnar-se do tom da época, sem por isso se tornar pesado, antes fazendo muito e muito deleitosa a leitura d'aquelles versos.

Admirando todas as producções do poeta brasileiro, estou em asseverar que as *Sextilhas de fr. Antão* são a sua obra prima.

Ahi têm, em rapido esboço, o que é e quanto vale Gonçalves Dias como poeta. Talento delicado, imaginação opulenta, erudição pouco vulgar.

O Brasil, quando proclamou a sua emancipação politica, não conseguiu proclamar ao mesmo tempo a sua emancipação litteraria. Possui grandes talentos, mas estes seguem ainda passo a passo as transformações da litteratura da sua antiga metropole. Os rouxinoes abundam, os colibris ainda não nasceram. Ha muitos Washington Irving, Cooper ainda nenhum.

Mas no meio d'essa gloriosa phalange, cujos membros são saudados como irmãos pelos nossos grandes poetas, avulta incontestavelmente o escriptor, cujo retrato abrilhanta as paginas d'este numero da *Revista*. Pena é que uma doença cruel o impossibilite de continuar a enriquecer a litteratura da sua patria com mais obras primas, e de acrescentar o seu diadema, já tão esplendido, com diamantes que seriam, (o seu incessante progresso o revela) cada vez mais polidos, cada vez mais primorosos!

M. PINHEIRO CHAGAS.

CONTOS

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

IV

UM DIA GRANDE EM S. DOMINGOS



I-rei Nosso Senhor, como então se dizia e ainda se disse muito depois, foi pontual. Sabia talvez o famoso dito de Luiz XIV, seu augusto modelo, de que a exactidão é a cortezia dos principes, e seguia-o. Às dez horas da manhã o seu coche rodava deante da frontaria do convento. O monarcha poz o pé no estribo apeiou-se com o sorriso nos labios e a mão estendida aos osculos dos seus leaes vassallos. Atravessando por entre duas álas de frades tão curvados, que pouco faltava para as suas cabeças varrerem o chão, subio as escadas vagarosamente, trazendo á sua direita, porém um pouco atraz, o provincial quasi dobrado ao meio pela adulação, e á sua esquerda o prior mais inchado, do que a rã da fabula. Os ex-provinciaes e ex-priores, os definidores, os mestres e os theologos da Ordem engrossavam o cortejo. D. João V entrou na igreja debaixo do pallio, no meio de nuvens de incenso, e por cima de flores. O orgão inundava

de harmonias as abobedas do Templo, e as vozes dos cantores entoavam melodiosos hymnos, com que o ritual romano festeja os Ungidos do Senhor. A comunidade ajoelhou na capella mór, e o povo em mós compactas encheu as naves e o corpo da egreja, e transbordando para fóra, esprou-se em ondas pelo adro e terreiro contiguo a esperar a saída do Soberano.

A oração de Sua Magestade ao Santissimo Sacramento e ao altar da Senhora do Rosario foi longa e devota. Reinava em torno silencio profundo. O orgão e os canticos tinham emudecido. Os frades e os fieis imitavam a contricção do rei, ou os menos penitentes simulavam imital-a. Passados mais de dez minutos D. João ergueu-se do genuflexorio, persignou-se, e correu a vista pela multidão, que o cercava. Por um acaso inexplicavel, ou por effeito de occulta attracção, a curta distancia das grades, que dividiam a capella mór do corpo da egreja, os seus olhos encontraram uns olhos negros, rasgados e languidos de tristeza, que não lhe eram estranhos, e que sem elle o saber lhe afrontaram o rosto de leve e subito rubor. Eram os da menina da rua da Padaria. Às feições mimosas da donzella realçava ainda o encanto a suave pallidez, de que o amor tantas vezes desbota as formosuras delicadas. O principe estremeceu, e quasi involuntariamente tornou a fitar a amante do alferes. Um sorriso deslisou-se-lhe á flor dos beiços e desvaneceu-se logo quasi imperceptivel. O que queria elle significar?

Era effeito de uma recordação repentina, ou a figura brutesca do anão Braz Topete, perfilado a dez passos da irmã de fr. Policarpo com os oculos assestados e as orelhas espalmadas provocára a alegria de Sua Magestade? Para disfarçar o momentaneo enleio el-rei virou-se para o provincial e fez-lhe uma pergunta lisonjeira, d'essas que na bocca dos reis pagam aos subditos todas as fadigas. Quando fr. Placido acabou de responder, e não foi breve, o Soberano volveu de novo a vista para o sitio, aonde primeiro devisára Ritta, porém já a não descobriu no mesmo lugar. A visão tinha-se apagado, e a aguda barba da sr.^a Perpetua em intimidade com o nariz do seu compadre inculcava aos observadores, que as duas virtuosas creaturas empregavam aquelles instantes de ocio, não em adorar a Deus, mas em espicassar na reputação dos proximos. O filho de D. Pedro II sorriu-se segunda vez, encolheu os hombros, e em um gesto gracioso exprimiu ao prelado o desejo de principiar a sua visita. Foi obedecido promptamente.

Vaidoso com a gloria de representar a ordem n'este dia notavel, o provincial não poupou a el-rei o exame de nenhum dos primores, de que mais se ufanava o convento. Começando pelo côro, junto da capella mór, e servindo de *cicerone* o padre fr. Bernabé que se presava de grande entendedor de pinturas, talvez só por haver estudado em Roma,

o monarcha e o seu numeroso prestito demoraram-se a contemplar os quadros de Bento Coelho, citados como maravilhas da arte, e os paineis originaes das escólas italianas, que o incendio ateado pelo terramoto de 1755 consumiu depois. Dos prodigios da tela e do pincel passaram aos do bastidor e do cinzel, admirando o precioso ornamento de veludo bordado em relevo de ouro, e destinado á festa de S. Pedro Martyr, os paramentos ricos da irmandade dos Passos encerrados em um cofre de prata, algumas lampadas e candelabros de feitio e lavor raros, e duas figuras de Santos esculpidas em madeira com tal correcção de fôrmas, e encarnadas com tanta viveza d'expressão, que sem receio disputavam a primazia ás boas estatuas dos mestres. Subiram depois ao dormitorio de cima, e as duas bibliothecas, sobre tudo a da sala grande, proporcionaram a fr. Paulo occasião propicia para discorrer eruditamente ácerca dos principaes auctores dos livros encadernados em pasta dourada, que repousavam nas estantes bem alheias da eloquencia difusa, prodigalisada para os recomendar. Das livrarias desceram ao refeitório, entraram na casa capitular, correram os claustros e dormitorios, viram a botica presidida pelo vulto collossal do archanjo S. Miguel, e foram descançar a uma sala espaçosa, armada de razes, e inundada de luz, aonde estava posta a meza d'estado para offerecer a Sua Magestade o cópo de agua.

Em toda esta cançada peregrinação o Senhor D. João V, cumpriu resignado os deveres do seu officio de rei, conservando sempre o semblante risonho e as maneiras affaveis, que tinham animado os attentados fradescos contra a sua paciencia. Fiel á pragmatica ouviu sem pestanejar, as explicações interminaveis, as reflexões pueris, e as lendas enfadonhas, e só quando avistou, afinal, a casa do refresco, e tomou assento na vasta cadeira de braços estufada de veludo carmezim é que respirou de prazer como o navegante anciado de enjoo teimoso sente desaparecer de golpe a molestia com a voz, que o gageiro levanta, annunciando a terra.

A refeição era delicada e foi servida com grandesa. O appetite do principe honrou a hospitalidade monastica. Emulo de seu avô o sr. D. João IV e de seu pae D. Pedro II nas proesas gastronomicas, Sua Magestade não conhecia rival. Semelhante a Luiz XIV á mesa era ainda rei, deixando muito longe, ou muito atraz a gula mais afiada e o estomago mais robusto.

Terminado este acto, que suppunham ser o ultimo da sua visita, el-rei voltou-se para fr. Placido, e disse-lhe, como se a idéa lhe occurresse de subito :

«—Padre provincial vimos toda a devota communidade? Não falta nenhum religioso.»

«—Toda, meu senhor, redarguiu o prelado inclinando-se, á excepção de tres padres doentes na enfermaria.»

«—Aht observou o principe. Mas não de cuidado?»

«—Dois póde dizer-se que estão curados. O terceiro, que adoeceu a noite passada, disse o medico da casa, que precisará d'alguns dias para se restabelecer.»

«—E a molestia é?..»

«—Uma pontada sobre o lado direito.»

«—Aht! Uma pontada! Ás vezes são peiores que as picadas de florete essas dores repentinas. O doente chama-se?..»

«—Fr. Polycarpo. Viveu no seculo até aos vinte e oito annos; mas seu pae e sua mãe caíram em grande pobreza, e elle, desenganada e arrependido, veio bater ás portas do nosso claustro.»

«—Muito bem. Diga-me, padre provincial, e a familia de fr. Polycarpo—julgo que lhe deu este nome—era limpa e honrada?..»

«—Muito honrada, meu senhor, acudiu o prior fr. Paulo, interpondo-se.

«—Sim? Então o padre póde dizer-me alguma cousa a respeito d'ella?»

«—Tudo, real senhor. Fr. Polycarpo e eu somos segundos primos. Antes da desgraça que arruinou a sua casa...

«—Que desgraça?

«—Uma divida antiga á fazenda real, já paga, que lhe pediram segunda vez, e o incendio dos titulos de tres vinculos, que possuia. As execuções fiscaes levaram-lhe tudo e seu pae morreu de desgosto. Em quanto a mãe foi viva trabalhou para a sustentar, e depois confiou sua irmã aos cuidados da avó, e sepultou-se n'esta casa, aonde nos edifica a todos com os bons exemplos. Dá lições de cravo e de latim, e o que recebe é para socorrer aquellas suas infelizes, que não teem outro amparo...

«—Estimei ouvir-o fr. Paulo. A historia de fr. Polycarpo não ha de esquecer-me. Sabe que mais padre provincial? Não me vou do seu convento sem ver todos os religiosos. Vamos á enfermaria consolar os nossos padres doentes. Visitar os enfermos e encarcerados é uma das obras de misericordia.

«—A presença de Vossa Magestade será para elles um bálsamo de saude!» replicou o provincial acompanhando a phrase de uma genuflexão ainda mais adulatora, do que a lisonja.

«—Vamos então. São horas.» observou o principe levantando-se e encaminhando-se para a porta.

A enfermaria bem arejada, e alegre, não esperando por esta visita, foi colhida em habitos menores como diriam das bellas da moda de então os seus adoradores, se a vista dos profanos as tomasse de sobresalto entre o leito e o toucador. Mas o governo da ordem era

cuidadoso, e a caridade de fr. Placido sincera e vigilante. Tudo respirava acieio; a alvura das roupas deslumbrava; e a regularidade e decencia não tinham que invejar ao hospital visinho de todos os santos. Dois leigos e dois serventes acudiam aos menores desejos dos doentes, e pareciam infatigáveis em compor todos os arranjos e miudezas da casa. D. João V subiu tão depressa, que o mestre dos noviços, expedido pelo prelado como expresso, mal tinha tido tempo de apontar á porta e de exclamar: «é el-rei! ahí vem el-rei!» quando o monarcha assomava ao limiar entre as duas columnas firmissimas da religião dominicana.

Ninguem, quando queria, representava melhor o seu papel, de que o filho de D. Pedro II. Adiantando-se para os dois enfermos velhos, que se haviam erguido espantados das poltronas, em que dormitavam, e forcejavam todos tremulos por ajoelharem a seus pés, levou-os nos braços, deu-lhes a mão a beijar, e obrigou-os em nome da obediencia, que lhe deviam, a tornarem a sentar-se. Depois de algumas perguntas sobre o seu estado, e de curtas respostas suas para os consolar com palavras de esperanza e conforto, aproximou-se da cama de fr. Polycarpo, e carregando o semblante de modo tão severo, que o disfigurava contemplou o doente por alguns momentos em silencio como se lhe estivesse estudando as feições. O irmão de Rita commovido e perturbado, não tirava tambem os olhos de el-rei, interrogando a memoria recente, que lhe recordava a noute e o sitio em que notára uma phisionomia parecida com aquella. Era a primeira vez, que via D. João V, e admirava-se, portanto, da semelhança, que lhe descubria com outra pessoa, de que não podia lembrar-se sem as dores, que padecia, se lhe avivarem.

«—Está aqui ha muito tempo?» perguntou o principe com a viseira descida, como diziam os cortesãos, quando Sua Magestade se dignava cubrir d'uma nuvem sombria o seu rosto de ordinario ameno e aprazivel.

«—Desde hontem, meu senhor,» respondeu fr. Polycarpo em voz sumida, pasmado de escutar de novo o som de voz, que ainda trazia nos ouvidos.

«—Adoeceu de dia, ou de noute? Hontem, ou hoje de madrugada?» Esta pergunta, que de certo significava mais, do que dizia, acabou de transtornar o frade, que, suppondo descoberto o segredo da sua aventura nocturna caiu em um accesso de terror, e paralisado de forças e de animo só teve alento para pôr as mãos e implorar silenciosamente com a eloquencia da vista e do gesto a descripção do soberano. D. João V não abusou da sua superioridade. Acercando-se ainda mais do leito, esclarecendo com um sorriso a phisionomia, e inclinandose para o enfermo suspenso com a subita metamorphose, mormurou-lhe ao ouvido: «Vamos a ellas?»

Fr. Polycarpo era homem de espiritos altos. Apenas a allusão clara ao duelo da vespera o tocou, recobrou-se do susto instantaneo, e conhece do que el-rei fôra o aggressor, percebeu a delicadesa da visita e as grandes promessas que encerrava. Sentando-se com impeto na cama, apesar do braço, e pagando o sorriso ironico do monarcha por outro sorriso não menos fino, redarguiu-lhe no mesmo tom: «Pois vamos! Ha duas horas que o estou esperando!»

«—E não esperou em vão, bem vê!» retrucou o principe apertando-lhe a mão, e desviando com um gesto as orelhas dos dignitarios, que se tinham avisinado insensivelmente, no passo surrateiro e quasi felino que a curiosidade monastica costumava para apanhar os segredos vedados ao confessorio.

«—Perdão, meu senhor, disse fr. Polycarpo beijando repetidas vezes a dextra do monarcha, sou réo de um grande crime. Levantei o braço contra o meu rei...»

«—E deus castigou-o pela minha mão,» interrompeu sorrindo-se D. João e obrigando-o a reclinar-se nas almofadas da cama.» Deixemos essas cousas para depois. Vamos, como se acha?»

«—Melhor do corpo, mas cada vez mais atribulado de espirito.»

«—Bem! Ponha-se são do corpo, que do espirito me encarrego eu. Entrou sem ser sentido? Não deram pela sua falta? Como lhes encobriu o ferimento?»

«—Tem sido tudo, até agora um verdadeiro milagre!.. Vossa Magestade dignou-se... tremo da ousadia de o dizer! Mas não sabia meu senhor...»

«—Ah! Falla da ousadia de subir á janella do seu quarto por cima do meu hombro?...

A graça era um pouco pesada, de certo, porém como uma vez não são vezes, supponha que el-rei se esqueceu, e que o hombro dorido se lembra. E depois?...

«—Depois arrastei-me, como pôde, e estive quasi sem sentidos encostado á cama. A ligadura abriu-se e o sangue tornou a correr. Por fortuna aquelle leigo da enfermaria, meu amigo, é homem discreto e muito callado. Entrava de semana, passou por acaso ouvio-me gemer, e bateu. Contei-lhe a verdade, pedi-lhe segredo, e chamou logo o cirurgião. Inventou-se uma pontada no loda trouxeram-me para aqui, e estou penando como Vossa Magestade vê os meus peccados, cheio de dores e de cuidados, porque amarrado a este leito não posso...»

«—Bem sei! Mas soçegue. Não haverá novidade.»

«—E o alferes, meu senhor?! Minha irmã ama-o, e tenho medo...»

«—Não tenha. Respondo por ambos. Ha uma hora estava sua irmã na egreja resando como uma santa. Tracte-se, restabeleça-se depressa, e esteja certo de que não perdeu nada em nos encontrarmos. Contaram-me a historia da sua familia, e, segundo creio, deve emen-

dar os erros da minha fazenda. O dote de sua irmã, e o adiantamento do noivo tomo-os sobre mim. Agora o padre... se quiser secularizar-se, e entrar outra vez no mundo... não é tão facil, mas tenho algum valimento em Roma, ajuntou com um sorriso.—Póde acontecer, que a minha intercessão lhe não seja de todo inutil. Agora adeus! Em estando bom vá ao paço. Quero vel-o logo para lhe dar outra lição de esgrima.»

E furtando-se aos testemunhos de reconhecimento de fr. Policarpo, el-rei separou-se d'elle, mas uma lagrima veio humedecer o osculo agradecido do irmão de Rita na mão do monarcha. D. João V insinuou sem elle o perceber, a sua bolsa debaixo do travesseiro, e erguendo depois a fronte com o riso nos labios, chamou o provincial e o prior, e disse-lhes:

«—Padres mestres este doente fica a meu cuidado. Quero que m'ò tractem com o maior desvelo, e que o mandem ao paço assim que poder sair para eu saber se as minhas ordens foram cumpridas.»

«—A recommendação de Vossa Magestade é para todos nós um preceito,» respondeu o prelado, curvando-se.

«—Conto com isso, padre provincial. O nosso doente está um pouco desanimado, mas prometti-lhe cural-o do corpo, e do espirito, e hei de fazel-o. Palavra de rei não volta atraz. Queira em meu nome dizer a toda esta devota communidade, que sahi edificado de S. Domingos, e que levo tantas saudades do seu convento, que muito cedo tornarei a visital-o.»

Proferidas estas palavras, que foram para bons religiosos um estimulo soffrivel de orgulho e regosijo, desceu á portaria, saudou com uma inclinação de cabeça as álas estendidas até á portinhola do seu coche e voltou ao paço, esfregando as mãos, rindo, e murmurando a meia voz.» Se o alferes terá já mandado Diogo de Mendonça pentear monos ao Brazil! Será capaz? Veremos!»

L. A. REBELLO DA SILVA.

PALESTRAS ARTISTICAS

IV



passado é bem proprio para inspirar saudades, o presente mesquinho, e o futuro, servindo-nos das palavras de Castilho, na admiravel ode á Tedesco, é apenas um vago som que vem lá do nascente. Foi isto, porém, incentivo para os que tentaram estabelecer entre nós uma associação protectora dos artistas, e que não des-

animaram, apesar da frieza com que o público parecia acolher aquella idéa.

Homens de talento e coração esperaram por melhores tempos, e mais tarde viram realizados os seus desejos e a Sociedade, ainda apenas nascente, mostrar vigor e prometter longa e prospera vida.

Approvados os estatutos da Sociedade Promotora das Bellas Artes por carta regia de 8 de agosto de 1861, foi no seguinte anno que ella abriu ao publico a sua primeira exposição que constava de 78 objectos de arte. O numero dos socios era de

242 e as acções por elles tomadas 284. A receita total foi de réis, 1.636\$920, os artistas expositores receberam 1:174\$500 réis, a despesa montou a 1:301\$270 réis, e ficaram em caixa 135\$650 réis.

A exposição do anno social de 1862 a 1863 constou de 124 objectos. Concorreram 29 artistas que receberam 1:362\$000 réis. Eram 273 os socios, 329 as acções por elles accites e 32 os premios. A receita total foi de 2:059\$300, a despesa 1.826\$280 e o saldo em caixa 223\$020 réis.

Os noticiaristas dos jornaes de Lisboa occuparam-se d'estas duas exposições e escreveram a respeito d'ellas com a costumada indulgencia e riqueza de adjectivos. Distrahdos entraram na sala mas ficaram logo deslumbrados. Passaram immediatamente alguns diplomas de colorista e de desenhador, e sahiram com o ar magestoso de quem tem a consciencia do que é.

Dos relatorios apresentados pelo conselho administrativo extrahimos as cifras que mostram bem qual o acolhimento que a sociedade recebeu do publico. É elle em extremo lisongeiro, nas circumstancias do nosso paiz, e, n'este anno, que é o terceiro da sua existencia, tanto o numero dos socios, que sabemos serem 450, como o dos objectos expostos, que foram 133; são documento de que a opinião publica continua a ser favoravel a esta sociedade que, esperamos, prestará com o tempo importantes serviços ás artes em Portugal.

A sala da *exposição*, cedida pela academia para este fim, não tem as condições indispensaveis para a boa collocação dos quadros, a luz que recebe é má, e só um dos lados da casa é illuminado por luz directa, obrigando isto a uma collocação forçada n'essa parede que fica coberta de telas, que, pela sua proximidade, se prejudicam. É desejo que procura realisar o conselho, tão depressa o permittir o fundo da sociedade, a construcção de um edificio que, tendo por fim principal as exposições artisticas, servindo de centro de reunião aos amadores e artistas, e facilitando as suas salas áquelles que pretenderem dar cursos publicos livres litterarios ou scientificos, possa tambem ser util ás associações industriaes e agricolas do paiz. É costume nosso pedir tudo ao governo e esperar d'elle o que devia sahir da iniciativa particular. Depois de exigirmos que os ministros cumpram com as leis e curem das necessidades do povo, tanto materiaes como intellectuaes, juntamos sempre um appendice em que se requer um favor. Nós, que professamos outros principios, se insistimos para que o governo mande edificar casa elegante e decente para as artes, que a não tem, não vamos mais longe do que isto, e não partilhamos da opinião dos que entendem que do Governo deve partir

a iniciativa, mesmo quando se trata de interesses particulares, e que os cofres publicos hão de estar abertos e ser generosos em tudo e com todos. Em qualquer outro paiz a sociedade já tinha casa sua feita com dinheiro proprio, mas lá fóra ha vida intellectual, ha actividade que aqui não existe, porque em Portugal temos ainda muita gente que censura o governo que destruiu os conventos.

Do tempo ha a esperar o desaparecimento d'esses erros e a generalisação dos verdadeiros principios de educação publica que fazem a grandeza e força das nações.

Agora, passando do futuro para o presente, entremos na sala da exposição.

Aqui, teem o primeiro logar os professores da academia. Fallaremos, primeiramente, do mais popular d'elles, o sr. Annuniação, talento tão elevado quanto modesto. O estudo paciente e profundo da natureza, continuado por tantos annos que de necessidade se tornou habito, porque Annuniação estuda sempre, um grande conhecimento das tintas e manejo largo do pincel, verdade e belleza de tom e um grande sentimento, são as qualidades que distinguem este eminente pintor. Sente-se a natureza nas suas paisagens. Grandes quadros ou simples esboços feitos ao correr do pincel, em todos se vê o cunho do mestre. Consciencioso e juiz severo de si proprio, observa-se na sua pintura o progresso que só consegue realizar quem ao talento junta o estudo e a meditação que o avigoram. E comtudo Annuniação nunca viajou pelos paizes estrangeiros, e o leitor ficará de certo admirado quando lhe dissermos que as digressões artisticas, e as visitas aos museus, feitas por elle, limitam-se a ir passar de tempos a tempos meia duzia de dias nas lezirias do Riba-Tejo. Os seus quadros são todos portuguezes; o artista nunca sahio além das nossas fronteiras.

No entender de muitos o talento em Portugal vem ao mundo manchado de uma especie de peccado de origem de que precisa purificar-se no Jordam de Paris: sem essa lustração é impossivel a sua existencia. A originalidade vae-se buscar a Paris e a Londres talvez, mas traz-se uma copia e nós julgamos preferivel um original com defeitos a uma copia correctissima. Á volta d'essas viagens, ainda os menos patriotas sentem no espirito um frio de morte quando comparam o que viram com o que veem, o aneiar constante pelo melhor que se sente n'essas nações e o lethargo intellectual em que jazemos. É essa a lição que se colhe d'essas digressões. É amarga; oxalá que fosse util.

O sr. Annuniação tem na sala 15 quadros, todos de pequena dimensão, mas alguns d'elles de grande merecimento. Como com-

posição, tem o primeiro lugar a *entrada para a arribana* cuja côr e desenho são excellentes. Os bois e vitello amontoados forcejam por entrar ao mesmo tempo, apertam-se, as cabeças elevam-se sobre os largos dorsos e os musculos retesados mostram bem a acção e a resistencia. Ha mais tranquillidade na *passagem d'um pantano*, excellente estudo de cavallos. Guiados por um jockey camponio, vão socegados e sem se incommodarem. Andam simplesmente, sem pretensão. Nada mais se pôde exigir de quem teve a condescendencia de nos mostrar as suas fôrmas robustas e a forte côr do seu pello. Não são como os cães de um outro quadro do mesmo artista que, não satisfeitos com serem acariciados pela brisa do mar e banharem-se na limpha tranquilla, pretendem entrar nos dominios do homem e dar lições de philosophia á sociedade que tão bem os acolhe. Isto não o dizemos nós, lêmol-o n'uma revista que um jornal de Lisboa publicou a respeito da exposição. O auctor lá o diz, lá o entende.

Depois das ratas sabias, vem os cães philosophos. Nihil mirari..

Pela nossa parte tivemos a desgraça de não entender nem os cães nem o auctor da revista, que talvez seja um philosopho completo no futuro se conseguir aperfeiçoar a logica e livrar-se das contradicções a que parece ser sujeito.

O *boi na leziria* é, no nosso entender, o melhor quadro do sr. Annunciação, na exposição presente. Tem muito acabamento e bastante vulto. Nas *gallinhas* observa-se movimento e côr superiores ao desenho, e na *espera*, das tres figuras que compõem este quadro, a que nos pareceu melhor foi o cavallo; o vestido da sa-loia, que está encostada ao animal, confunde-se pelo tom com elle, e o cão que lhe fica aos pés não está bein deitado. O *Ribatêjo* é um delicioso quadrinho pintado com muita largueza. Um salguei-ro tombando os seus ramos dentro d' agua, mais ao longe uns bois banhando-se, e depois um horisonte a fugir, são todo o quadro. É uma ecloga escripta com o pincel. Cala na alma uma doce melancolia ao vermos aquillo tão só, tão tranquillo. A *manhã de inverno* é o principio de um d'esses dias asperrimos em que

Treme o frio em cada membro.

A nevoa ensombra todo o campo; o sol debalde lucta para romper o cerrado véu que lhe occulta a terra, os animaes teem vontade de não estar ali, gelam e fugiriam se podessem, e o espectador faria o mesmo se o quadro não fosse pintado por Annunciação.

Sempre fugiram, os infelizes. São aquelles que vemos correr pelo Campo grande. Preferem ser farpeados em Lisboa a soffrer com resignação o frio de uma manhã de inverno. Serão philosophos talvez, mas decerto não pertencem á seita dos estoicos. Mas, quantum mutatus ab illo! Pobres animaes, o cansaço e a poeira mudaram-lhe o aspecto, veem todos de feia catadura e correm! santo Deus! Dentro em pouco estão ao pé de nós. Fugamos.

Géricault, um dos maiores talentos da arte moderna, pintou a *Jangada da Medusa*. O sr. Barradas pintou e expoz tambem uma jangada. O assumpto é difficil, o terreno escorregadio e o abysmo proximo. São terriveis estas scenas de agonia lenta em que os laços sociaes e naturaes se quebram e acima de todas domina a lei da propria conservação; porém, quando ellas são tratadas como no quadro n.º 18, a impressão é nulla porque se está muito longe da realidade. E como escapámos d'este naufragio, voltemos ao mar e fallemos dos *peixes* do sr. J. Belem. Este quadro tem algumas partes bem pintadas; notámos comtudo uma certa falta de vigor na pintura, a excessiva abundancia da composição e a grandeza da tela que poderia bem ganhar em qualidades artisticas o que perdesse em extensão; e no de *natureza morta*, do sr. S. Belem, que está soffrivelmente pintado e desenhado, ha uma ave que, comquanto esteja em posição natural, tem a cabeça disposta de modo que parece pertencer a outro corpo.

A *scena domestica* do sr. Camarate é um quadrinho agradável. Aqui traz o catalogo o nome de um quadro do sr. Chaves, que nos agradou bastante, mas que não produziu o mesmo effeito no espirito da commissão de admissão. Considerado como obra d'arte o *Beijo* é uma prova do talento do artista, que deve, proseguindo no seu estudo, vir a ser um bom colorista; a expressão do rosto da mulher é muito verdadeira e tanto mais difficil quanto o typo, por pouco caracteristico, não se presta a reproduzir o sentimento. A luz egualmente distribuida pelas duas faces não lhe dá todo o effeito de claro-escuro de que elle era susceptivel, e a côr é um pouco monotona porque na tela ha massas apenas differencadas pelo tom e sem contraste que as faça valer. Emquanto á moralidade ou immoralidade do assumpto, não a discutiremos, porque temos para nós que um beijo dá-se ou recebe-se, mas não se discute. A commissão entendeu que se compromettia admittindo aquelle quadro. Reconhecemos e respeitamos a excellencia da intenção; mas parece-nos ter havido alguma precipitação na decisão tomada, porque não foram attendidas as rasões attenuantes. É fóra de duvida que a algumas pessoas desagradou a pintura, mas o maior numero censurou a rejeição. O quadro esteve exposto, todos o vi-

ram, a imprensa occupou-se d'elle e, se bem nos lembramos, só um escriptor approvou o proceder da commissão. Poderia acontecer que um homem menos delicado fallasse inconvenientemente a proposito do *Beijo*, mas é isso muito mais provavel quando se expozerem estudos do nú, e, comtudo, não podem estes ser excluidos de qualquer exposiçãõ, sob pena de retrogradar a arte e voltar a *maneira* da pintura e esculptura byzantina, o que equivaleria a desprezár e calcar aos pés os trabalhos de todas as escólas da Renascença. A commissão, quando discutia a admissãõ do melhor quadro de um artista moço e de talento, devia antes pensar que todos os que concorressem á exposiçãõ tinham a necessaria educaçãõ, do que o contrario. Em questões de direito deve haver a maior circumspecçãõ, e nós insistimos n'esta porque temos ouvido censurar como demasiada a importancia que se lhe deu. Uma commissão futura póde, sem o motivo que até certo ponto justifica a actual, prejudicar um artista nos seus interesses e reputaçãõ, e é isto que é conveniente evitar, porque no respeito pelo direito está a força de todas as sociedades. Como estas reflexões poderãõ ser attribuidas a predilecçãõ pelo genero de pintura a que pertence o quadro em questãõ, diremos que assim como Victor Hugo é preferivel, no nosso entender, a Alfredo de Musset, temos tambem por melhor do que a arte ligeira de Boucher e Watteau a seria e elevada de Raphael ou Vinci.

Na sala via-se um outro quadro do sr. Chaves, intitulado as *Flores colhidas*. É uma creança com o regaço cheio de rosas. A idéa é graciosa; na execuçãõ manifestam-se as mesmas qualidades de colorista, mas em grau inferior ao *Beijo*, e a physionomia não tem a expressãõ indecisa caracteristica d'aquella idade. Os olhos teem vinte annos.

Dos esboços apresentados pelo sr. Costa Junior diremos que não satisfazem. Estes trabalhos são para os mestres, e não poderãõ ser perfeitos quando saem das mãos inexperientes do discipulo. São n'este caso tentativas, ensaios, que se devem guardar no *atelier* como reminiscencias, e que, ás vezes, mais tarde, quando se tem adquirido a força, podem ser utilizados nas grandes composições. Assim como em litteratura nem tudo o que se escreve se publica, assim na arte muito trabalho deve ficar occulto como os alicerces dos grandes monumentos. A *cabeça de estudo* do mesmo artista tem bastante empaste, mas a cõr não é bella e tem pouca transparencia.

O sr. Resende, professor da academia do Porto, expoz 5 quadros. O *Vareiro* e a *mulher de Mortosa* teem bonita tinta e o traje da mulher é muito pittoresco, mas n'estas como n'outras obras de

artistas nossos a côr é superior ao desenho. Os pés da mulher são mal desenhados e o braço esquerdo do *vareiro* também tem o mesmo defeito, é muito curto. De todos os quadros do distincto pintor, o que agradou mais foi o de natureza morta. É admirável, realmente, o tom, a frescura e a facilidade do pincel. Melhor do que aquillo só o faz..... Deus.

No catalogo devia lêr-se — numero 80 — *Quadro de natureza viva.*

As *flores*, do mesmo artista, teem excellente tom e são muito viçosas, mas não são irmãs, e o cristal, que ellas ornã, não merecia esta honra porque tem pouca transparencia e a fórma é pouco elegante.

A largueza de toque que se vê nas flores do sr. Resende, e o tom quente dos seus quadros faltam nas paisagens do sr. Riviere. Aquella vegetação é americana..... no catalogo, mas, apesar tiva.

de muito fria, a pintura tem muita harmonia e boa perspec-

Nas paizagens do sr. Isaias Newton a luz é habil e escrupulosamente reproduzida em todas as suas gradações, cada um dos planos é, considerado isolado dos que o rodeiam, de um acabamento, de uma verdade, dignos de elogio, mas apesar d'estas qualidades que nos dão direito de classificar este artista como pintor realista de muito merecimento, e talvez mesmo por causa d'ellas, o effeito geral das pinturas é pouco harmonioso e conhece-se que o sr. Newton não possui ainda a força que imprime um caracter de unidade e o cunho de uma idéa superior ás imitações da natureza.

A *prova*, do sr. Leonel M. Pereira, pertence ás composições chamadas de genero e que fizeram a reputação da escola flamenga. Era para desejar que os nossos artistas cultivassem com mais frequencia esta pintura que é com a paizagem a que comportam as modernas salas. No quadro do sr. Leonel a perspectiva está um pouco despresada, tem mais de um ponto de vista. As figuras teem vulto e revellam estudo, é notavel a finura do toque em alguns accessorios, mas não queremos ver ali o bello sexo em volta de um tonel, e os fatos das provadoras são um pouco duros.

D'estas mulheres á de marmore, não vae muito : apenas a distancia que medeia entre uma adega e o salão luxuoso de uma dissoluta. Além está recostada a formosa sobre uma perna de um homem que é, á imagem e similhaça de Deus, isto é, altissimo. O gigante faz passeiar no ar acima da cabeça da mulher uma bolsa que ella segue com olhos e mãos cubiçosas. Á porta um Mephistopheles embuçado na capa observa a scena e completa a composição. Á primeira vista o quadro parece immoral, porque nos apresenta o

penultimo acto de uma orgia. Se o examinarmos bem vemos que é pura e simplesmente uma lição de doutrina; aqui a carne, além o mundo, ao fundo o diabo. É a trilogia da tentação *au grand complet*.

O pensamento do quadro é bom, mas a execução foi inferior á idéa. Na tinta ha talvez mais verdade do que á primeira vista parece, porque é rica e tem certa falta de gosto que é propria d'estes logares. O desenho na face do homem não é bom e tanto elle como o pôr da tinta revellam mão que não está ainda muito familiarisada com este genero de trabalho artistico; comtudo o effeito do quadro é agradável. O sr. Bordalo Pinheiro expoz em outro quadro o *juízo de uma feiticeira*, mas, a julgarmos pelas apparencias, a mulher de marmore promette mais feitiços, mais encantos, do que a pobre rapariga que foi accusada, mas que parece estar vendida.

Ai, leitor, aqui já anda bruxaria. Combinaram-se contra nós as duas feiticeiras e quasi que nos empalmaram o sr. Prieto Onde está aquelle excellente moço que nos apresentava todos os annos admiraveis fructos da sua palheta? Onde está? Eil-o aqui entre os paizagistas.

O sr. Prieto desertou para o campo, mas o transfuga não foi de certo muito bem recebido nos novos arraiaes, a avaliarmos pelas impressões que de lá trouxe. As suas paizagens são muito inferiores aos seus quadros de natureza morta, e é ainda a *Cosinha na Paschoa* o seu melhor quadro n'esta expoição. Entre as paizagens distinguimos a d'Arroios, a da *estrada da Feteira*, e os *rochedos dos arrabaldes de Lisboa*, como tendo maior harmonia de colorido. O artista de 1864 ficou vencido pelo de 1862, mas é de esperar e crer que elle volte nas futuras exposições a occupar o logar que lhe compete.

Fallamos em feiticeiras ou, para melhor dizer, quem fallou n'ellas foi o catalogo, que nos diz ser bruxa a rapariga de phisionomia mais innocente que temos visto. Seria artificio novo de Satanaz? Talvez. Mas temos para nós que só podem pretender este nome a *esperança* e a *saudade* do sr. Lupi. Estamos certos que foi este o quadro que teve maior numero de admiradores, tão perfeita é a expressão das duas figuras, uma melancolica, outra deixando transparecer no rosto a tranquillidade de sua alma, sentimento ainda um pouco triste de quem vê a possibilidade de um futuro adverso. Achamos que o artista conseguiu uma excellente expressão, mas, repetindo aqui a opinião de um nosso amigo, diremos que quem pinta tão bem a saudade não poderá realisar na tela a esperança com egual felicidade, e com quanto menos formosa

agradou-nos mais a *saudade*. O colorido n'esta como nas outras pinturas do sr. Lupi é delicado e vaporoso, mas desejavamos mais vigor e empaste de tinta sem que por isso participemos da opinião dos que insistem sobre a abundancia de tinta como vantajosa, e pretendem transformar a pintura em baixo relevo. No Fr. Luiz de Sousa, nas obras que expoz na exposição anterior e nas que apresentou na actual, sobrelevam as duas qualidades que caracterizam o talento do sr. Lupi, o desenho e a expressão.

As obras do sr. Marciano da Silva tiveram um dos primeiros logares na exposição, destruíram a má impressão que o *Tasso* deixou no espirito do publico, e provaram mais que este distincto artista possui grandes conhecimentos da sua arte. Não é pela expressão que primam as suas figuras, mas pelo colorido transparente e verdadeiro. O *guerreiro* não póde batalhar, a *saudade* talvez nunca tivesse affeição a ente algum, e a *innocencia* parece ter má vontade á pomba que aperta de encontro ao peito. Mas se todas estas pinturas não tem a expressão indicada pelo catalogo, tem de certo a dos modêlos e testemunham do sr. Silva como bom colorista. É excellento o *retrato d'uma senhora* assim como a *innocencia* em que ha transições de admiravel delicadeza. O *guerreiro* tem a face um pouco amarellada e os labios no retrato do sr. Lobo que nos dizem assaz parecido com o original, são muito vermelhos. Ha ligeiras incorrecções no desenho das mãos, mas são estas faltas attenuadas pelo brilho e pureza da tinta, e nós não podemos senão applaudir a acertada escolha que o sr. marquez de Sousa Holstein fez tanto d'este artista como do sr. Lupi para occuparem os logares de professores vagos na Academia.

Nos retratos pintados pelo sr. Stewart ha, em geral, dureza no desenho e na tinta, que tem o mesmo tom em quasi todos; para verificar isto basta comparar entre si os retratos do sr. marquez de Niza, do sr. Mouchet e o de uma menina.

São excellentes como retratos os de alguns navios apresentados pelo sr. Pedroso. Como pintor de marinhas o sr. Pedroso está muito longe da perfeição; falta-lhe para isso a intelligencia larga da natureza; a sua interpretação actual amesquinha os assumptos. O desenho das ondas é acanhado; não ha ali os grandes movimentos das massas d'agua agitadas pelos ventos, e a côr malachite, que parece ser a predilecta d'este pintor, não é verdadeira. Artista laborioso, o sr. Pedroso merece-nos o conceito de homem consciencioso nas suas obras e o que lhe dizemos, com quanto não sejam elogios, esperamos será bem recebido no seu espirito que deve preferir a verdade de uma critica, embora severa, ás mentiras de louvores banaes, e ter presente o que Boileau disse,

n'um livro, que não é só uma arte poética e que em muitos logares traz excellentes preceitos para bem viver :

Tel vous semble applaudir, qui vous raille et vous joue.

Aimez qu'on vous conseille, et non pas qu'on vous loue.

Todos sabem isto, mas o elogio tem bellezas apparentes superiores ás da verdade, e no nosso tempo de fraqueza moral é melhor viver entre indifferentes do que entre inimigos.

O sr. João Christino da Silva expoz obras de merecimento, e em geral, superiores ás suas na exposição anterior. Talento fogoso, o sr. Christino deixa-se frequentes vezes arrastar a excessos de côr nas suas paizagens. Preocupado do effeito, intenta tomar de assalto a attenção do espectador. Desapparecem as transições delicadas e naturaes para ficarem unicamente os contrastes violentos das côres oppostas, e então os seus quadros compoem-se de duas partes bem distinctas, luz e trevas. Este processo, que se acha dentro do limite das combinações das côres, não tem verdade e é para lamentar que o distincto professor adoptasse uma senda errada, e que a imprensa, até agora, indifferente a tudo o que é arte, animasse com palavras de louvor o que no nosso entender merecia censura.

Os jornaes, occupando-se do sr. Christino, tem dito que elle é colorista. É-o algumas vezes e poderia sel-o sempre se não forçasse o seu talento, desnaturando-o. Perfeitamente senhor do pincel, trabalhando com grande rapidez e possuindo muita firmeza de toque, com todas estas qualidades e com uma imaginação facil, é antes nos esboços de que nos grandes quadros que este artista se mostra colorista. Ali está o primeiro, o verdadeiro sentimento da luz. Porque não pinta o sr. Christino sempre assim? É como o seu o methodo de Eugenio Delacroix : exagerar a cor e o desenho para augmentar a força e o sentimento, mas isto que, até certo ponto, tem desculpa na pintura das paixões humanas, não a póde achar quando se trata da producção dos effeitos athmosphericos em que a natureza quasi sempre se manifesta grandiosa mas tranquilla, e as gradações da luz são todas suaves e harmoniosas.

A presente exposição prova-nos que o sr. Christino já procura evitar o defeito que lhe apontamos. A *vista do Bussaco* é um delicioso quadro, bem pintado e com harmonia. Nos quadros que reproduzem alguns dos sitios da pittoresca Cintra ha excellentes effeitos de luz, boa escolha de linhas e alguns terrenos muito bem tratados. O *Porto de S. Martinho* é um bom quadro, que tem bastante effeito, mas pareceu-nos excessiva a claridade que a lua espalha sobre a agua. Na *Estalagem* ha accessorios muito bem pin-

tados, mas este interior precisa de mais acabamento, tanto na pintura como na perspectiva. Assim como está é um esboço. *Ao pôr do sol* é um quadro todo luz, boa e verdadeira, e são de um optimo effeito as figuras illuminadas só por um lado. A severidade do nosso juizo sobre o sr. Christino da Silva é motivada no talento que todos reconhecemos n'este artista e que desejamos lhe seja de maior gloria e interesse. As nossas reflexões seriam inuteis a um individuo incapaz de aperfeiçoamento mas, dirigidas ao nosso amigo, terão senão a felicidade de achar bom acolhimento no seu espirito, pelo menos a de justificar a sua severidade, se a ha, com a estima e consideração que professamos pelo artista, cujo elevado talento nos impõe o dever de sermos exigentes.

É digno de menção especial o quadro de animaes — *Mãe e filhos*, pintado pelo nosso amigo Gonçalves Pereira. Representa uma familia de coelhos. Costumes e posições, tudo está bem estudado, e, á excepção de um pequeno que está no fundo da tela, todos os outros coelhos tem bastante vulto. As folhas, que se vêem no chão, são tocadas com muita franqueza, e os ramos de pinho, que formam uma especie de barraca aos pacificos roedores, tem bonito e vigoroso tom, mas parece-nos que se aproximavam muito do primeiro plano e que por isso este era um pouco prejudicado. O sr. Gonçalves Pereira já tem exposto alguns quadros onde se revelava talento, mas consideramos este como a sua verdadeira estreia. D'entre os modernos discipulos da Academia é o sr. Pereira e o sr. Chaves que, conjuntamente com o sr. Prieto, promettem continuar e sustentar as tradições da escola de Annunciação e de Metrass.

Voltemos ao mar. Estamos em pleno oceano, a agua é transparente, o céu plumbeo de um lado, tem no outro admiraveis tons, e um navio de panno largo, em calmaria, conserva a tranquillidade d'este bom quadro, o melhor que o sr. Luiz Tomazini expoz. Vem depois da *calma*, o *cahique*, a *chalupa*, e a *gaivota*, e em todos elles se observam as mesmas qualidades que o distinguem; quizeramos, porém, encontrar nas aguas e nos céus mais vigor, maior rudeza nas linhas, emfim, é escusado dizel-o ao sr. Tomazini, mais côr local. Estes predicados adquirem-se com um exercicio continuo, porque, embora a memoria seja robusta e o artista veja bem a natureza, muitas vezes o pincel tem medo, vem o receio de ser exagerado, e foge-se naturalmente para o lado opposto, d'ahi a falta de largueza na pintura, que, aliás, tem sentimento, e que colloca o distincto amator no primeiro logar entre os nossos pintores de marinhas.

As *flores e fructos* do sr. Lassere, são bastante correctas no desenho e tem boa côr, mas não agradou, em geral, a composição

que não tem massas e por isso perde o effeito. O que é talvez, mais difficil n'esta pintura, o toque, no quadro do sr. Lassere tem alguma dureza e por isso não representa bem as inflexões delicadas das flores. São bem pintados os fructos e os accessorios.

Occupam um lugar muito distincto na sala os quadros de Ziena e de Tetar van Elven, pertencentes a Suas Magestades que graciosamente os offereceram para abrilhantarem a exposição. O de Ziena é uma vista de Veneza, de um optimo effeito, e o de van Elven, que representa um mercado; é notavel pelo manejo facil de pincel, pelo movimento das figuras e excellente perspectiva.

Os quadros do sr. Rangel de Lima são inferiores ao que apresentou na passada exposição. A exm.^a sr.^a Silva Reis expoz tres paizagens de merecimento superior ás suas de 1863. São dignas de menção as obras dos srs. Pinto Ribeiro, Corrêa da Silva Junior, Martins e Nunes Junior, estes dois da Academia de Lisboa, as aguarellas da exm.^a sr.^a D. Celina da Silva e as excellentes gravuras em madeira executadas pelo sr. Pedroso e publicadas no bom semanario, dirigido pelo sr. Silva Tullio.

Chegamos ao fim d'esta gostosa, mas difficil tarefa. Na apreciação das obras de artistas que nos honram quasi todos com a sua amizade e a quem agradecemos a benevolencia e a delicadeza com que sempre nos teem tratado, procurámos ser justos e imparciaes, e dissemos, sem reбуço, o que era nossa opinião. Estimamos que ella encontre ecco no espirito do publico, para quem a escrevemos, e, antes de levantar mão do papel, repetiremos que é conveniente, mais do que conveniente, necessario, que o governo e os opulentos protejam os artistas e procurem fazer descer a todas as classes da sociedade os elementos das artes que tanto elevam o nosso espirito, musica, pintura e esculptura. Não continuemos por mais tempo a imitar a mulher de Loth, trabalhemos com valor por melhorar o presente, tenhamos fé no futuro e cultivemos a arte, a flôr immortal, divina, das civilisações.

ZACHARIAS AÇA.

O MASTHODONTE

(POEMETO)

I

O sol em braza, ao longe, no occidente
Desmaiado dardeja !
O torvelino varre o areal ardente,
Como faminta féra que fareja :
Onda apoz onda no deserto agita,
D'um nimbo atro e poento o ar povôa ;
Tal por sobre a cidade impia e maldita
O flagello de Deus rapido vôa !

Mostra o simoum de ingente masthodonte
Alva, gigante ossada,
Do sol, que luz na extrema do horisonte,
Jorra atravez luz palida, coada.
Como as cavernas de galera enorme
Arroja o mar ao areal deserto,
O vento ergue o sudario do que dorme,
Faz do ranger dos ossos um concerto.

II

A Pyramide do deserto e o Masthodonte**A PYRAMIDE**

Como surgês, e vens secco, mirrado
Da pombra do tempo? e assim te inquietas
À luz! oh conversemos do passado.

Sejamos como dois anachoretas,
A quem chamou de longe ignota fala,
E decrepitos vão já de muletas.

É minha voz o raio que me abala,
Responde pois com o ranger dos ossos,
E sirvam-nos os páramos de sala.

Vi baquearem imperios e colossos,
E erguer-se a humanidade triumphante,
Como Deus, creadora em seus destroços.

Venço impávida o tempo! espero, adiante,
Estar á sombra da arvore da sciencia,
Quando este orbe fôr astro irradiante,
E o homem tenha a angelical essencia.

O MASTHODONTE

Quando no seio a terra me trazia
Contou como tambem foi clara estrella,
E que embebida em sua luz um dia
Deus afastára a vista de sobre ella!
Perdida como a nota d'alguma aria
 Dos córos mais jocundos,
Deixou-a em trevas, fria, solitaria
Arrastada no turbilhão dos mundos.

E a terra a Deus se eleva pesarosa :
«Senhor! é santa a luz, se eu a contemplo
«Na sombra que me envolve, silenciosa,
«E vejo como alampadas de um templo

«Absórtas n'essa graça que lhes déste
«Brilhar, bordando a cupula celeste,
•Minhas irmãs estrellas!
«Oh deixae-me outra vez luzir entre ellas.»

— De que val o clarão que um sôpro apaga,
Que o espaço absorve e tanto te fascina?
Se tens o homem cuja fronte alaga
Da intelligencia a luz alta e divina?
E a terra immersa na gelada treva,
Ouviu de Deus o perennal juizo,
E para o berço de quem tanto a eleva
Formou o paraizo.

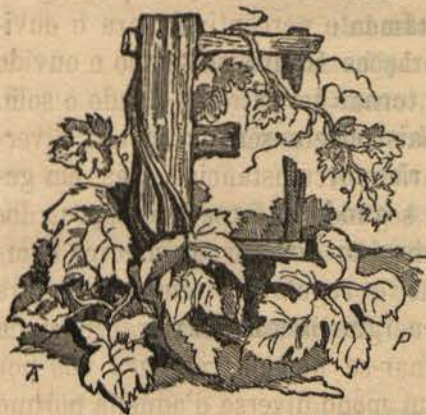
III

Ranqueu assim do altivo Masthodonte
Branca, gigante ossada;
Do sol, ardente na orla do horisonte,
Jorra'atraz luz palida, coada!
Como as cavernas de galera enorme
O mar engole no golfão aberto,
O vento passa e esconde a ossada informe
Na mole das arêas do deserto.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA SCIENTIFICA

Relações do homem com o mundo exterior. — Movimento comunicado. — Choque produzindo vibrações, e estas dando sons. — Sons perceptíveis e sons imperceptíveis. — O movimento transformado em calor. — O calor é um movimento de vibração. — O ether. Provas da sua existencia. — Quando as vibrações moleculares se acceleram apparece a luz. — As cores são notas de uma escala luminosa. — O numero das ondulações do ether determina a cor, como o numero das ondulações do ar determina o som. — Numero prodigioso de vibrações que dá a luz; extrema pequenez d'essas ondulações. — O espectro corado; comparação com a escala musical. — Acções variadas, e propriedades do espectro. — Discussão de theorias; prova da plausibilidade da theoria das ondulações. — A luz unida á luz pode dar trevas. — O som somado ao som pode dar o silencio. — Experiencias do dr. Koenig. — O calor medido com os olhos. — Expectros incompletos. — Espectros caracterizando as substancias.



pela impressão, que nos nossos órgãos produzem os objectos exteriores, que nós temos conhecimento da sua existencia, e os distinguimos uns dos outros pelas suas propriedades. Os sentidos são impressionados pelas forças da natureza em acção, por movimentos de diversas ordens, quer das massas dos corpos ponderaveis, quer das moleculas d'estes corpos, quer emfim

das tenuissimas e imponderaveis particulas do ether; fluido que enche o espaço celeste, que penetra por entre os elementos constitutivos dos corpos, que vibra e se agita sem cessar em nós ou em torno de nós. Onde ha para os nossos órgãos sensação, ha fóra d'elles movimento capaz de os impressionar.

Os corpos em movimento chocando outros corpos em repouso, communicam-lhes uma parte da energia que trazem em si; produzindo uma deslocação em toda a massa, ou apenas n'uma parte d'ella, ou pondo em vibração as particulas que a constituem: manifestando-se essa vibração por phenomenos de diversas naturas. Uma bola em movimento batendo n'outra bola de iguaes dimensões, em repouso, comunica-lhe uma parte do seu movimento, e, depois do choque, ambas caminham com uma velocidade, que depende de circumstancias que a sciencia avalia hoje exactamente.

Se em vez de chocar um corpo não elastico e livre, o corpo em movimento bate contra uma corda elastica fixa nos seus extremos, e n'um certo estado de tensão, como a corda de um piano, esta corda, em vez de se deslocar, entra em vibração; isto é, as suas moléculas, tiradas do equilibrio pelo choque recebido, tendem a voltar á sua posição de repouso; mas, antes de a alcançarem, oscilam longa e rapidamente áquem e além d'essa posição. Estas oscilações communicam-se ao ar, formando n'elle ondas mais ou menos largas, mais ou menos rapidas, do mesmo modo que uma pedra deitada n'um lago produz, na superficie da agua, ondulações perfeitamente distinctas e regulares. São as ondas do ar, posto em movimento pela vibração dos corpos elasticos e sonoros, que, chocando o nosso ouvido, n'elle produzem uma sensação, que chamamos *som*. Quando as vibrações são continuas, rapidas e eguaes em relação ao tempo da sua duração, o *som* tem o character de som musical; o numero de vibrações n'um tempo dado distingue os sons *graves* dos *agudos*. Uma corda, ou outro corpo sonoro, dando 32 vibrações por segundo produz um som grave, já perfeitamente perceptivel para o ouvido do homem; acima de 70000 vibrações no mesmo tempo o ouvido deixou de ser impressionado por se tornar em extremo agudo o som. Estes limites para menos e para mais podem ser um pouco diversos para differentes pessoas e em varias circumstancias, mas, em geral, são os que se podem adoptar, segundo as experimentações dos physicos. No som, resultado da vibração dos corpos sonoros communicada ao ar em ondas rapidas e regulares, temos a prova de que o movimento, a acção da energia da natureza transportada ás particulas dos corpos, póde tornar-se perceptivel para nós por meio de um sentido especial, por um modo diverso d'aquelle porque o movimento dos corpos, em geral, se nos faz perceptivel ao tacto. Vê-se pois que o movimento de um corpo, communicando-se a uma corda elastica e sonora, origina vibrações, e estas se transportam por ondas successivas do ar, ou de outros corpos elasticos, até ao ouvido, para ali produzirem a sensação do som. Encontrando um obstaculo á sua propagação, as ondas sonoras refletem-se, desviam-se do caminho que seguiam para tomar outra direcção, segundo certas leis. A força do choque do corpo em movimento contra o corpo sonoro, influe na amplitude das oscilações, mas não no seu numero; isto é, influe na *intensidade* do som, mas não na sua maior ou menor *gravidade*.

Um corpo em movimento batendo contra outro corpo, que subitamente o faz parar, produz calor. Um martello batendo sobre uma bala de chumbo aquece-a. Caindo de uma altura de 424 metros a bala de chumbo, ao encontrar uma superficie resistente que lhe impedisse o movimento, produziria um calor sufficiente para elevar de 30 grãos,

do thermometro centigrado, a sua propria temperatura. O movimento, cessando de manifestar-se por uma causa que a elle se opponha, póde, pois, transformar-se em calor; isto é, a força mecanica em acção produz movimento, e, quando se não póde empregar em mudar de logar a massa do corpo em que actua, põe em vibração as suas particulas, faz oscillar estas, mais ou menos rapidamente, em torno da posição em que ellas, no estado de repouso, estão em equilibrio. Vibrando entre certos limites, os corpos elasticos produzem ondas successivas no ar, e essas ondas chocando o timpano do ouvido dão a sensação do som. Quando as vibrações são entre todas as particulas dos corpos, de uma velocidade enorme, e de um caracter especial, essas vibrações, chegando aos nossos órgãos, communicam-se-lhes e dão a sensação do calor; esta communicação póde fazer-se ou pelo contacto immediato do corpo aquecido, ou a distancia. Para nos chegar aos ouvidos o som, produzido por um corpo em vibração, é preciso que entre elle e nós haja uma substancia vibrante, o ar geralmente, pela qual passem as ondas sonoras: as vibrações do calor precisam para se communicar de um fluido mais subtil do que o ar, o *ether*, pelo qual possam passar as ondas, pequenissimas e rapidissimas, que dão origem aos phenomenos, cuja causa denominamos *calor*. Existe o *ether*? A sciencia não póde deixar de admittir a sua existencia, apesar de o não poder separar dos corpos ponderaveis, e sujeital-o a uma analyse, da natureza d'aquella a que póde sujeitar o ar e outros gazes, por mais subtis que sejam: a existencia do *ether* que transmite as ondas do calor da luz, da electricidade e do magnetismo, reconhece-se pelos phenomenos a que elle dá logar, percebe-se pelos seus effeitos.

O sol está a uma distancia de nós que excede 148 milhões de kilometros, e, apesar d'isto, o calor que elle emite chega-nos atravez do espaço em tal quantidade que, se fosse distribuido uniformemente por toda a superficie da terra, bastaria para fundir n'um anno uma camada de gelo de 31 metros de espessura, que involvesse inteiro o planeta que habitamos. O calor, todas as observações e experimentações o demostram, é um movimento vibratorio; ora, para que esse movimento se faça sentir a distancia, é preciso que haja um fluido que o communique, de um modo semelhante áquelle porque o ar communica os sons; é pois fóra de duvida que entre o sol e a terra existe um fluido d'esta natureza, pois que o calor do sol nos chega de um modo tão manifesto e com tão grande intensidade. Esse fluido é o que se denomina o *ether*. As ondulações do calor passam atravez dos corpos, havendo uns que se deixem atravessar pelo calor melhor do que outros; admittida, o que não póde deixar de fazer-se em vista dos factos, a doutrina das ondulações, para explicar a

produção e transmissão do calor, não pôde deixar de se reconhecer que o *ether*, transmissôr d'essas ondulações, penetra por entre as particulas dos corpos, e transmite o calor, mais ou menos facilmente, segundo as disposições relativas dos atomos n'esses corpos.

Quando as causas que produzem calor actuam poderosamente sobre os corpos, estes ou mudam, sem transição, de estado, isto é, sendo solidos passam a ser liquidos, ou sendo liquidos se vaporizam e passam a gases, ou se tornam luminosos antes de mudarem o estado de agregação das suas particulas. O calor resulta de um movimento vibratorio das particulas dos atomos dos corpos; á medida que, por qualquer causa, as vibrações se vão tornando mais rapidas, váe o corpo *tornando-se mais quente*, e quando o numero das vibrações atinge um certo limite, o corpo torna-se incandescente, emite luz. Assim como uma corda ou uma vara metalica pôde vibrar, sem que produza um som em quanto as suas vibrações não chegam a ser, pelo menos, trinta e duas por segundo; assim tambem os corpos podem vibrar nas suas particulas e communicar ondulações ao ether, dando origem a phenomenos de calor, sem que essas ondulações impressionem os nossos olhos, dêem luz; porque esta só se manifesta quando as vibrações chegam a um certo numero por segundo. A incandescencia dos corpos começa a 500 graus do thermometro centigrado; d'esta temperatura para cima os corpos manifestam phenomenos de luz, que nos mostram haver n'esta uma verdadeira escala, como a ha nos sons. A primeira côr que se observa nos corpos incandescentes é a vermelha obscura: á medida que sobe a temperatura vem o *tom* amarello misturar-se com o vermelho, dando ao corpo incandescente luz de côr alaranjada, até que o amarello se torne dominante: depois a transição é rapida, e alguns corpos incandescentes tornam-se brancos. A prata, que se funde a 1000 graos centigrados, lança, a uma temperatura mais elevada, vapores luminosos de bella côr verde. O ouro, que passa ao estado do liquido, que se funde só a 1250 graos, dá, n'esse estado e a essa temperatura, uma luz verde azulada. As vibrações do ether, que até um certo limite produzem o calor, acelerando-se dão a luz: transmite-se esta a distancia, como o calor, por meio das ondulações do ether; a sua transmissão vae mais longe do que a do calor. A luz e o calor do sol chegam até á terra, e fazem-se n'ella sentir poderosamente; mas das estrelas só nos chega a luz, perdendo-se no espaço as vibrações do calor, que naturalmente esses astros brilhantes produzem do mesmo modo e pelas mesmas causas que o sol. Um faxo acezo produz luz e calor; mas este só a pequena distancia se faz sentir emquanto que a luz impressiona com as suas vibrações os nossos olhos mesmo a grandes distancias.

A luz pôde ser produzida por vibrações de maior ou menor comprimento, de maior ou menor rapidez, e os olhos percebem essas diferenças, como os ouvidos distinguem nos sons a grandeza e rapidez das vibrações dos corpos sonoros. Enquanto o numero das ondulações do ether é inferior a 400 billiões por segundo, produzem-se os phenomenos do calor mas não os da luz; estes só são manifestos quando as ondulações chegam de 400 a 420 billiões, e deixam de perceber-se quando excedem 800 billiões de ondulações por segundo. Se o numero das ondulações da luz em relação ao tempo é tão grande, que o espirito difficilmente o chega a conceber, não é menos para surpreender a rasão a extrema pequenez d'essas ondulações. As maiores d'estas ondulações têm apenas de *comprimento* 74 centesimas millesimas partes de um millimetro; as mais pequenas unicamente 39 d'essas pequenissimas fracções do millimetro. Para bem se perceber a significação do que fica dito, lembraremos que o comprimento de uma ondulação é a distancia que vae da elevação da onda á depressão correspondente. Quando se deita uma pedra n'agua forma-se, em roda do ponto em que a pedra mergulha, uma successão de circulos concentricos, que vão como empurrando-se uns aos outros; cada um d'esses circulos é uma elevação da agua a que se conjuga uma depressão tambem circular; a distancia do ponto mais alto da onda ao mais baixo da depressão correspondente, medida na direcção do raio do circulo formado pela onda, é o que se chama comprimento da ondulação.

Conhecido o comprimento das ondulações, que o ether recebe dos corpos luminosos e communica mesmo ás enormes distancias que medeiam entre as estrellas e a terra, pôde calcular-se a quantidade de ondas que occupam a extensão de um metro, e passar d'ahi para a quantidade que occupa o espaço percorrido pela luz n'um segundo. Das ondas menores luminosas contam-se 1.351:000, proxicamente, n'um metro percorrido pela luz, e das maiores 2.564:000 no mesmo espaço; ora como a velocidade da luz é, com pouca differença, de 300:000 kilometros por segundo (298:000 segundo Foucault) vê-se que n'este espaço se devem encontrar mais de 400 billiões de ondas de maiores dimensões, e mais de 750 billiões das outras. As ondas do ether entram no olho com esta prodigiosa rapidez, e exercem milhões de choques successivos na retina, para nos darem a sensação da luz e da *côr*.

Luz e *côr*, eis o que nos prepara os mais esplendidos espectaculos na natureza, o que nos faz conhecer e distinguir os corpos que existem longe de nós, o que estabelece as nossas relações com a immensidade do universo. A luz é uma fórma do movimento, uma vibração como o som; a *côr* é na luz o que a *nota* é na escala mu-

sical, o resultado da relação entre o numero de ondulações e o tempo. A luz branca perfeita é uma *harmonia* formada pela impressão simultanea de todas as *notas* da *escala luminosa*. Por um meio simples a sciencia póde separar umas das outras as notas d'essa harmonia, e com ellas combinar *melodias* mais ou menos gratas aos olhos.

Fazendo com que um raio de luz branca, de luz electrica, bata sobre a face de um prisma, formado de substancia perfeitamente transparente e incolor, de vidro, por exemplo, póde observar-se que a luz como que se desdobra ao atravessar o prisma, e fórma, ao sair d'elle e sendo recebida n'um alvo, uma faxa luminosa, onde se nota uma successão de cores vivas. A passagem de uma a outra d'essas cores faz-se por gradações successivas. É esta faxa corada que se chama um *espectro*.

O raio de luz branca ao passar do ar ao vidro desvia-se da sua direcção, mas como não é simples, mas sim uma combinação, uma harmonia, como já se disse, de tons luminosos, nos quaes é diferente o numero das ondulações por segundo, cada um d'esses grupos diversos de ondulações se desvia differentemente, e assim vemos como desdobrar-se o raio branco em raios corados no espectro. Observando o espectro, podem notar-se *sete* cores distinctas, as quaes são, a partir da que menos desvio do direcção soffrer em sua passagem pelo prisma, as seguintes: *vermelha, alaranjada, amarella, verde, azul, anillada e violeta*. Todos têm visto um *espectro corado*, mesmo sem haver feito a experiencia de que se acaba de fallar: o arco iris é um espectro grandioso, formado pela decomposição da luz do sol nas gotas d'agua suspensas na athmosphera. Quando se olha para os prismas de vidro lapidado, que pendem dos lustres e candelabros nos salões, facil é notar que a luz se decompõe ao atravessal-os; e, observando com attenção, reconhece-se a separação das cores na ordem em que ellas se acham no espectro.

Cada uma das côres é uma *nota* da escala luminosa, resultado da relação entre o numero de vibrações e o tempo; a *nota* mais grave, perceptivel aos olhos do homem, é a côr *vermelha*, a mais aguda é a côr *violeta*. Áquem e além dos limites, em que a luz corada se manifesta, ha ainda ondulações; porém estas produzem effeitos diversos d'aquelles que impressionam os olhos, e que nós chamamos *luz*.

Áquem do vermelho, já fóra do espectro corado, encontram-se as manifestações do calor. Com prismas de substancias que deixem bem passar o calor nota-se, que a parte mais quente do espectro visivel é o vermelho, mas que só áquem do vermelho é que o calor chega ao seu maximo. A luz exerce sobre certos corpos uma acção *chimica*, a qual modifica a sua constituição de varios modos, que

seria fóra de proposito descrever aqui ; basta recordar o facto bem vulgar da destruição das côres, de origem vegetal, pelos raios do sol, e a acção da luz nas preparações empregadas na photographia. Observando sob o ponto de vista da sua acção chimica o espectro, reconhece-se que elle não tem em toda a sua extensão a mesma intensidade de influencia, mas que esta é mais forte no raio *violeta*, no raio de luz produzido pelas vibrações mais rapidas, e se estende para além do violeta, onde o espectro já não é visivel. O maximo calor, e a maxima intensidade de acção chimica estão nos dois extremos do espectro ; a parte mais luminosa mostra-se n'uma das cores centraes da faxa corada, na cor *amarella*. Estas observações provam que os nossos sentidos são differentemente dispostos para perceber a acção das ondulações ethereas, como o são para apreciar as ondulações do ar posto em movimento pelos corpos sonoros ; e provam igualmente, que as ondulações, segundo são mais ou menos rapidas e segundo é maior ou menor o seu comprimento, actuam differentemente sobre os corpos. Até um certo limite de grandeza as ondulações aquecem ; menores, aquecem e illuminam ; menores ainda abalam as particulas dos corpos e promovem transformações nas suas propriedades.

Suppondo que o leitor teve a paciencia de seguir, com a indispensavel attenção, o que até aqui temos procurado resumir com a possivel clareza n'esta breve exposição, ainda assim nos parece que se lhe não devem ter apagado do espirito todas as duvidas ácerca da plausibilidade da theoria, que attribue a luz e o calor a ondulações e a movimentos vibratorios, e não á emissão de particulas de calor e de particulas de luz abandonadas pelos corpos. A explicação dos phenomenos de calor e de luz, assim como dos da electricidade e do magnetismo pelas ondulações, communicadas ao *ether* que enche o espaço, é uma explicação *theorica* ; e para muita gente, que mal sabe ligar ás palavras o seu verdadeiro sentido, *theoria* é sinonimo de extravagancia, de sonho da imaginação exaltada. Esses taes, que tem em tão má conta as *theorias* e os *theoricos*, não perdem occasião de inventar por sua conta explicações tontas para os factos que observam mal, e tornam-se por este modo fazedores de theorias, mas da peor especie, da especie absurda ou ridicula. É indispensavel que ás palavras se dê o seu verdadeiro sentido, o sentido que ellas tem quando são tomadas a serio pelos homens que pensam e que sabem respeitar a razão humana. A theoria, nas sciencias physicas e naturaes, deve dar a explicação dos factos da observação e da experimentação em certa ordem de phenomenos, deve nascer d'esses factos e de todos elles dar razão cabal. A theoria, quando é digna da sciencia, serve de ponto de partida para novos descobrimentos, e se es-

tes a não contrariam antes a confirmam, deve isso considerar-se como a melhor sanção que a theoria póde receber.

A antiga theoria das emissões, a que suppunha a existencia de diferentes fluidos sem peso, que saiam em successiva emissão dos corpos luminosos, quentes, magneticos ou electricados, não está de modo algum de acordo com os factos, não explica muitos dos phenomenos que a scicencia conhece, e é contraria á harmonia e simplicidade das leis que regem a natureza. A theoria das ondulações explica tudo; a transformação do movimento mechanicamente em calor; a metamorphose do calor em luz; a marcha da luz pela immensidade do espaço e atravez dos corpos: a distincção das côres; e as acções physicas e chymicas de certos raios luminosos. Para firmar melhor, porém, as idéas do leitor sobre a importancia e plausibilidade d'esta theoria, citaremos um phenomeno curioso, que lhe dá a mais cabal confirmação, e que, de mais, merece ser conhecido porque serviu de ponto de partida para as maravilhosas determinações da grandeza e velocidade das ondas luminosas. Este phenomeno interessante é o das *interferencias* da luz.

Quando dois raios de luz, partindo da mesma origem, com a mesma intensidade ambos e da mesma côr, se cruzarem, formando um angulo, o que deve acontecer, se fôr verdadeira a antiga hypothese que attribuia a luz a uma substancia material, ainda que excessivamente tenue, lançada em torrente pelos corpos luminosos? A resposta é simples, e não póde ser senão uma. No lugar em que os raios se cruzarem, em que a substancia luminosa se accumular, deve observar-se um ponto mais brilhante do que em qualquer outro lugar por toda a extensão dos raios luminosos. É porém o contrario que succede. Onde os raios se encontram a luz desaparece. A luz unida á luz dá trevas.

Se n'um quarto escuro se fizérem entrar, por duas pequeninas aberturas, dois raios de luz produzidos pela mesma causa, e ligeiramente inclinados um para o outro de modo que venham a encontrar-se, vêr-se-ha, no ponto de cruzamento, desaparecer a luz. É a esta obscuridade, resultante da união da luz, que os physicos chamam *interferencia*. Se de um ponto luminoso cair a luz sobre as duas faces de um prisma de vidro triangular, que tenha um angulo muito aberto, e por conseguinte os outros dois muito agudos, e se um observador olhar, pela face mais larga do prisma, para a luz collocada do lado do angulo mais aberto, verá, em vez de um ponto luminoso dois, e ao mesmo tempo notará, entre as duas imagens da luz, uma serie de linhas alternadamente brilhantes e obscuras. Estas linhas obscuras são o resultado da interferencia das ondulações luminosas, que, atravessando as duas faces do prisma, se encontram e cruzam em angulos agudos. Este cu-

rioso phenomeno é a prova mais completa que se póde dar da racionalidade da theoria das ondulações. Se deitarmos duas pedras de egual tamanho, e com egual impulso, na superficie tranquilla da agua de um lago, veremos que, em torno dos pontos em que as pedras cairem, se formarão ondulações circulares e successivas: ora, quando os dois systemas de ondulações se cruzarem, observaremos, se a elevação de uma onda encontrar a depressão da outra, que ellas se destroem mutuamente, e a agua ahí se apresenta liza e tranquilla. Dois sons perfeitamente unisonos, da mesma intencidade e timbre, produzidos na proximidade um do outro, em vez de se reforçarem atenuam-se. É isto que provam experiencias curiosas feitas ultimamente pelo sr. Koenig, com um apparelho simples, em que funcionam dois tubos de orgão, e em que o som se torna, por assim dizer, visivel, por meio de luzes de gaz, que se agitam com os movimentos de ondulação do ar dentro dos tubos, no acto de se produzir o som. Os phenomenos da *interferencia* da luz explicam-se na theoria das ondulações, como nos exemplos que ficam citados. Empregando o prisma para produzir as interferencias, os celebres Fresnel, e Fraunhofer e outros phisicos poderam medir a espessura das ondas luminosas.

A observação de todos os phenomenos, de que n'esta revista se dá noticia, levou os homens de sciencia a admittir a theoria das ondulações, como a unica que dá dos phenomenos da luz uma explicação facil e completa. A theoria das ondulações é verdadeira em relação ao calor e á luz, do mesmo modo que o é indubitavelmente em relação ao som. As analogias entre os factos acusticos e os opticos é completa; a diferença está na proporção das vibrações, na grandeza da massa em que ellas se manifestam, e no meio elastico que as transmittre. É inteiramente verdadeira a identidade de natureza dos phenomenos da luz e do calór; uns, e outros são o resultado das vibrações moleculares dos corpos actuando sobre um fluido, o *ether*, que enche o universo, e produzindo n'elle ondulações. Todas as particulas de materia estão em perpetuo movimento, mas esse movimento não o podemos nós perceber senão pelos resultados, que impressionam os nossos sentidos; esses resultados perceptíveis para os nossos sentidos são o calór, a luz, a electricidade e o magnetismo. Quando as vibrações que dão o calór, como vimos, passam de um certo limite de rapidez e diminuem de comprimento apparece a luz, primeiro dando origem a phenomenos de calór, mais tarde apparecendo como separada d'estes phenomenos. Á medida que o numero das ondulações cresce, e o seu comprimento diminue, a luz apresenta successivas modificações de côr, constituindo uma escala de sete côres, que se podem admittir como bem caracterisadas, mas entre as quaes se observa

uma successão quasi incalculavel de cambiantes de côres de transição.

Nas relações entre a rapidez das vibrações calorificas e a côr, e intensidade da luz, que apresentam os corpos incandescentes ha, como pelo que fica dito se reconhece, uma relação; assim, pela observação da transformação do calôr em luz se pôde reconhecer a *temperatura* dos corpos incandescentes. É sobre este principio que acenta um aparelho optico, proposto pelo sr. Becquerel, para determinar as altas temperaturas, não pela acção que ellas tem na dilatação no augmento de volume dos corpos, mas pela luz que emitem os corpos incandescentes, comparada com a luz invariavel de uma lampeda.

Os corpos, como todos sabem, mudam de volume com o calor; é sobre este facto bem conhecido que assenta a construcção dos termometros, instrumentos que hoje andam nas mãos de todos: mas, passado um certo limite de temperatura, variavel para diferentes corpos, produz-se a mudança de estado, ha a passagem dos solidos a liquidos, e dos liquidos a vapores. Esta circumstancia explica a difficuldade de construir um termometro para medir altas temperaturas, sendo aliás a medição d'essas temperaturas de grande utilidade na industria. Tem-se inventadoapparelhos, a que se deu o nome de *pyrometros*, para medir essas temperaturas elevadas, mas taes apparelhos são indubitavelmente imperfeitos. O aparelho, o *pyrometro optico* do sr. Becquerel, fundado no principio da intensidade da luz nos corpos incandescentes, pôde talvez dar resultados mais seguros do que os obtidos pelos antigos pyrometros. Poder-se-ha com o novo pyrometro medir o calor com os olhos.

Prosigamos no nosso estudo da luz, afim de completar as noções que reputamos indispensaveis para se intender a razão e a importancia de um dos mais brilhantes descobrimentos da sciencia nos ultimos tempos, o descobrimento da analyse da composição dos corpos por meio da luz decomposta, por meio do *espectro*.

Quando um corpo emite luz branca, esta luz é o resultado da união harmonica de luzes de diversas côres: esta harmonia pôde resultar da união de todos os *tons* da escala luminosa, ou de alguns d'elles unicamente. Assim, por exemplo, o verde e o vermelho violacio dão o branco; o violeta e o amarello dão branco igualmente. Quando uma luz branca, ao decompor-se n'um prisma, dá um espectro com todas as côres, e sem interrupção alguma, é porque n'essa luz se contém todas as côres e cambiantes do espectro, toda a escala luminosa, sem excepção. É isto que se observa no espectro da luz electrica, e nos da luz emitida por corpos solidos não volateis, isto é, que não cedem á chamma nenhuma particula da sua substancia. Não succede o mesmo quando a luz, de que se

observa o espectro, é dado pelos vapores de um corpo: e a razão é facil de encontrar. É porque essa luz, quasi sempre corada, não contém todos os tons da escala musical, não dá origem a series de ondulações em todas as proporções possiveis, tanto em relação ao tempo como ao espaço.

Volatilizando entre as pontas de uma lampada electrica o cobre apparece uma luz verde: esta luz não tem evidentemente senão alguns tons da escala luminosa. A analyse, pela decomposição n'um prisma, prova que n'esta luz não entra senão o verde: o espectro reduz-se a linhas verdes brilhantes. Se o metal volatilizado fôr o zinco, notar-se-ha uma luz purpurina: a analyse mostra, que esta luz dá um espectro formado unicamente de linhas azues e vermelhas. A luz do zinco é uma harmonia, em que entram apenas algumas notas. Quando n'uma chamma de espirito de vinho se introduz um pouco de sal marinho (composto de cloro e de sodium), ou outro sal em que entre o sodium, a chamma torna-se amarella: decomposta pelo prisma esta luz não pôde dar senão o que contém, o amarello. O espectro do sodium é apenas uma linha amarella. Em todos estes espectros, que resultam da decomposição de luzes coradas, pela presença de substancias em estado de vapor, apparecem só linhas correspondentes á natureza das côres que se decompozeram; e *o resto do espaço, que no espectro completo é illuminado de diferentes côres, fica inteiramente obscuro.*

Ao conhecimento da interessante observação, de que acabamos de dar noticia, deve ajuntar-se o de outra observação de maior interesse para as sciencias physicas: e é a seguinte. Cada metal, posto em estado de emitir luz, n'uma chamma de elevada temperatura, dá um espectro que lhe é proprio, que o caracteriza e o faz distinguir de todos os outros. Isto quer dizer, que cada qualidade de materia metálica, quer isolada, quer combinada, posta em vibração molecular a ponto de dar luz propria, origina ondulações de uma grandeza e rapidez determinada, e inteiramente differentes das produzidas pelas vibrações luminosas das outras qualidades de materia: cada substancia na natureza emite um tom corado, ou uma combinação de tons, formando uma harmonia.

N'uma proxima revista mostraremos a applicação d'estas observações ao estudo da composição dos corpos.

J. D'A. CORVO.

CHRONICA DO MEZ



s revisteiros de Lisboa precisavam serem dotados da sobriedade do camélo, que atravessa o deserto sem tomar alimento durante semanas! Aqui se tem passado este Julho encantador sem mais novidades do que um romance traduzido, e um actor original: o actor é o sr. Joaquim Augusto, do Brazil: o romance, a *Graziella* de Lamartine, versão de Bulhão Pato.

Romance, disse eu? E porque não?! Se a natureza humana é como a paizagem, se podem os mestres reproduzil-a por mil fórmás, todas ellas verdadeiras e sem uma se parecer com a outra, comprehendendo cada pintor de modo diverso as arvores, as aguas, os horisontes, e conservando todos quasi no mesmo grau o fundo sentimento da realidade estampado na sua obra, — porque não hão de os grandes romancistas estarem sujeitos á mesma lei? Escriutores da phantazia ou do positivismo, da idealidade ou do bom senso, todos teem razão; nem ha para a arte outra formula que não seja a da liberdade; accetemos quantos reproduzem alguma coisa em que a verdade exista;

que de vezes não se tem comparado Camillo Castello Branco a Balzac; todavia o methodo de um não é certamente o do outro, mas no fundo os dois mestres attingiram a realidade, e na multiplice revelação do coração humano, da sociedade, da natureza, mysteriosa revelação de cada dia n'uma linguagem que a turba não percebe e que os melhores talentos mesmo não intendem de todo o ponto, penetraram elles e contaram-nos alguns segredos, sem um nem o outro se enganarem, apesar de não haverem ouvido as coisas pelas mesmas palavras.

Considerar Lamartine como romancista, é ir ao encontro de outros horisontes, de outras almas, e de outra maneira de vêr este mundo, desde as grandes paizagens até á phisionomia humana; mas é genero tão de lei como os mais, e não se podem mesmo considerar como simples poesia essas bellas paginas, porque, depois de vêr o homem por um aspecto, cumpre examinar se não ficará modificado sob aspecto differente, e não proscrever para todo o sempre o excepcional e o bello.

E como foi que appareceu assim de repente entre nós, paiz dos frialões, tão elegante, tão admiravelmente contada em portuguez aquella historia encantadora e simples de *Graziella*? O caso passou-se assim: dois mancebos de condição distincta, querendo usufruir dos creditos e sympathias que as suas qualidades inspiravam na sociedade, lembraram-se de querer d'ella um pouco mais do que a galanteria de lhes tirar o chapéu na rua, e convidaram-a a receber todas as semanas quatro folhas de impressão em casa; tratava-se de uma publicação pelo theor e indole das edições populares da França, isto é, dar n'um folheto de 80 paginas a materia de um romance de dois volumes, e offerecel-o ao assignante pela terça parte do custo das edições usuaes; amigos intimos de Bulhão Pato alcançaram-lhe o nome para a lista dos collaboradores, e um dia chegou em que foi preciso que esse nome representasse um livro; n'essa hora elles estremeceram de esperança e de susto e foram ao encontro do poeta, receiosos de que, caçador infatigavel, nem elle estivesse em Lisboa. Felizmente estava; e caçava de certo apesar d'isso, senão nos matos, ao menos na idéa, talvez saltando pelas praias do Pacifico, atravessando as florestas virgens das Cordilheiras, passando da facil captura das perdizes ás vivas commoções de uma batida aos tigres, correndo em França na pista do veado, perseguindo a raposa na Inglaterra, e desfructando todas as cambiantes peripecias de intrepido *sportman*! De mais a mais, se o titulo de caçador tem muita valia, e se poucos ha que saibam caçar, mais limitado é ainda o numero dos que sabem contar em conversação imaginosa e facil seus heroismos: *Pauci quos amavit Jupiter*; ora, Bulhão Pato é pelo menos

tão bom conversador, quanto caçador excellente, o que nos prova que Jupiter lhe quer bem, e, acordando do seu sonho, narrou-o, descreveu-o, pintou-o n'um d'aquelles monologos preciosos de colorido com que este Rembrandt da palavra tantas vezes encanta os seus amigos: d'essa vez os srs. Pedro Corrêa da Silva e Galacho não puderam vencer-se sem lhe lembrarem ser elle além de bom caçador e bom conversador ainda melhor poeta, e exigiram-lhe o cumprimento da palavra dada de lhes traduzir um romance de sua escolha, em vez de sonhar e conversar.

Esse romance devia, effectivamente, ser a *Graziella*. A maneira eminentemente singela d'essa narrativa, que é como que um capitulo de memorias, não procurando nunca aventuras e deixando os effectos irem apparecendo pelo simples contacto dos acontecimentos e dos corações, devia seduzir o nosso poeta. Que admiravel pureza de traços! Ali não se intenta nunca surprehender por imprevistos recursos nem pelas singulares combinações das circumstancias ou das scenas, que vão arrastando o leitor, perdido na attracção de uma falsa psychologia, que sonha typos impossiveis ou monstruosos, para tentar o vulgo com o luzir das lantejoulas: ali é tudo natural e simples, e o estylo liberta-se mesmo do abuso da methaphora a que o poeta francez é dado com frequencia, e consegue reduzir ao tom humilde de uma narração facil a fórma de sua sonorissima dicção; a allada musa desce á terra; percebem-se-lhe ainda as azas, mas vê-a a gente andar por entre nós. Com o profundo sentimento dos generos, que é o condão do talento, e pelo poder encantador dos que sabem ser senhores da sua propria força, Lamartine não abdica na *Graziella* a sua tempera poetica, mas reprime-a e dirige-a; d'ahi provém, essa bella prosa harmoniosa, que Bulhão Pato conservou abundante e flexivel prestando-se tanto ás particularidades comezinhas como ás descripções sumptuosas, e sentindo-se-lhes sempre não sei que meigo e suavissimo rythmo, semelhante ao perfume vago de uma flôr escondida!

Todos conhecem *Graziella*, e ainda bem, porque a simplicidade do enredo é tanta, que não poderia contar-se: está tudo no sentimento que se respira na novella, na vida que a anima, na graça e belleza austera das minucias que a revestem. Em que prosa se havia de analysar a suavidade e familiar elevação d'esse typo? Tudo que n'ella existe de admiravel e profundo apenas se revella ao leitor attento; conta-se rapidamente uma aventura, esboça-se a lapis em levissimos toques uma physionomia, mas não se descrevem em poucas palavras almas d'aquellas, que requerem um largo estudo; quem se atreveria a tental-o depois de Lamartine? Acresce que com as mais notaveis obras litterarias o querer apartar-lhes o plano, a primeira idéa, o

assumpto, do esplendido involuero que as arroupa, é sujeitar as imaginações mais fecundas a parecerem estereis, a quem só fique tendo d'ellas conhecimento tão superficial. Que o enredo de *Graziella*, se a gente fôr a contal-o não só ha de parecer simples mas velhissimo, e hoje não se falla por ahi senão de coisas novas, coisas novas! como se os melhores assumptos não fossem eternos, e depois de inspirarem os primeiros rapsodistas, depois de apaixonarem as almas dos poetas da Grecia e de Roma, não houvessem dura do atravéz das idades, visitando sempre como fantasmas luminosos os grandes espiritos dos tempos modernos. A differença está em os remoçar, cada um dos que os vae cantando, segundo sua phantasia, modificando-os, transformando-os, e dando-lhes nova luz. Quantos poetas não têm dito as alegrias e penás do amor, sem todavia se repetirem?

Se fosse dado n'esta terra constituir moda um livro, a traducção de *Graziella* deveria alcançar tal distincção; sinto que não me permita o espaço d'esta chronica citar ao menos alguns dos excellentes versos que terminam o volume, aquelle encantador *Premier regret*, tão admiravelmente vertido em portuguez. Sejamos breves: Bulhão Pato conservou á novella de Lamartine a fórma, a vida, o sentido, e a sua alma de poeta irradiou-lhe o estylo de igual esplendor.

A morte do senhor conde de Vimioso foi o acontecimento triste da semana. Deploram todos n'este cavalheiro o sympathico gentil-homem, que tanto como pela nobreza do seu nome se distinguia pela originalidade do seu espirito e pelos dotes affaveis do seu genio popular. Damos saudosamente os pezames a seu irmão D. Pedro de Portugal e Valença, nosso bom e antigo amigo.

Entremos no Gymnasio. O scenario representa uma vista agreste; rebenta uma trovoadá medonha; está em scena um marujo cego: tudo treme de medo: cambaleam de horror os bastidores; a companhia do Gymnasio deve estar detraz do panno do fundo accendendo cirios, e o ponto engana-se a cada passo e reza a *magnifica* em vez de ler os versos: o marujo pragueja furioso, ao desafio com os trovões, dirige a Deus apostrophes vehementes accusando-o de o haver cegado, suppõe-se por instantes em pleno mar, no navio em perigo, imita as vozes de commando, tenta executar as manobras, e, caindo prostrado, arrepende-se das blasphemias e implora o seu perdão a Deus.

Tal é a scena *Cerração no mar*, que o actor brasileiro Joaquim Augusto representou no theatro do Gymnasio, a instancias dos seus collegas de Portugal, que desejavam ter occasião de o applaudirem. A scena denuncia haver sido escripta sem outras ambições, senão a de realisar uma moldura destinada a receber do artista um retrato de

mão de mestre; Joaquim Augusto converte essa breve poesia, em que aliás ha merecimento, n'um poema de que elle fica sendo o verdadeiro auctor. É um artista dotado de grande sensibilidade, comprehensão poetica, e insinuante expressão; o seu jogo de scena é amplo, harmonioso, e tem aquella verdade intelligente que não copia apenas a natureza, — que a explica. A sua dicção é tão correcta, que o ouvido do publico de Lisboa não chegou a estranhar-lhe a pronuncia; e pelo gesto, pela attitude, pelo expressar de physionomia, por tudo que constitue a linguagem do instincto, ha n'elle a energia do genio ardente, mas não se lhe observam nunca os extravios da exageração desordenada; na caracterisação assim como na recitação foi o mesmo talento sobrio e methodico, impregnado sempre da magestosa tristeza que soube pintar admiravelmente no character do pobre marujo cego. O publico fez mais do que applaudil-o, comprehendeu-o; e o seu enthusiasmo saudou duplamente n'elle um irmão, e um artista da nossa eschola, da nossa litteratura e da nossa época.

Na Praça do Campo de Sant'Anna deu-se a famosa toirada em beneficio do Asylo da Mendicidade; eram tres os cavalleiros: os toiros, dezenove; muita concorrência, e muita animação... nos espectadores; como os toiros não prestavam, ninguem olhava para o circo mas para os camarotes; verdadeira toirada de sociedade! O publico foi duas vezes caridoso, concorrendo á festa e aturando a burla, já que os lavradores, offerecendo de graça bois d'aquelles, fizeram meia caridade ao asylo e uma judiaria inteira ao respeitavel publico; houve toiros de mais e toirada de menos; toda a gente, depois de corridos os dezenove, retirou na situação de Messalina, moida mas não satisfeita: *Lassiata sed non satiata!*

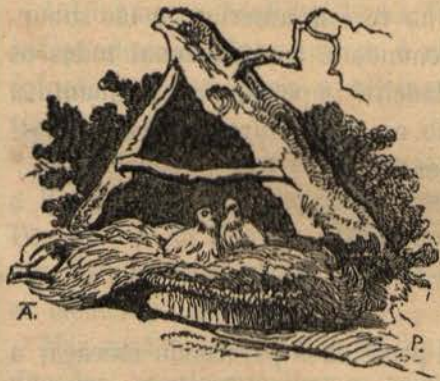
Os jornaes de Lisboa, que ha alguns tempos parecem nutrir uma paixão pelos japonezes, occupando-se d'elles com frequencia, acabam de dar a noticia de um valioso presente que o Taicum dó Japão envia a S. M. El-rei o senhor D. Luiz; soube-se tão boa nova pelo *Tassi yang-kuo*; o brinde consta de espadas, sedas, veludos, crepes, obras de charão, porcelanas, e uma grande figura de homem em chrystal. Esta «grande figura de homem em chrystal» produziu já entre nós, á simples noticia, grande commoção. Diz-se que foi entregue ao nosso consul em Kanagawa, mas sempre suspeito que os embaixadores por ahí nos appareçam, e até me inclino a crer que devem ser os mesmos que já cá estiveram, e que eu tive o gosto ha tres mezes de encontrar em Paris. É verdade que não ha coisa mais parecida com um japonez do que outro japonez, e os jornaes de lá annunciam sempre que os seus embaixadores, assim que regressam á presença do monarcha, apressam-se logo em abrir a barriga. No Japão, por um piscar de olho, por um espirro, por qualquer

coisa, os homens abrem logo a barriga. Vae o sujeito jantar a casa de um amigo, acha a sopa insonsa; passa á saleta immediata, e abre a barriga. Encontra o japonez uma européa, e tem a imprudencia de se agradar d'ella; visto não ser da sua religião, é caso de abertura; se em quanto por cá andaram nenhum se abriu, é porque nenhuma lhes pareceu bonita. O sr. Marçal José Ribeiro, dignissimo diplomata, que houve por bem servir-lhes de interprete, tinha sempre a maior hesitação em os divertir, como se observou, por saber quanto os prazeres lhes podiam ser fataes, e que quanto melhor era a festa mais elles scismavam na barriga! Emfim! Deus os traga mais esta vez, e os conserve inteiros para nossa alegria!

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA POLITICA, NACIONAL E ESTRANGEIRA

I



o encerramento das côrtes succedeu tão geral e profunda quietação na capital e no reino que nem o bulicio do movimento eleitoral conseguiu ainda perturbal-a.

Não dormitam em lastimosa somnolencia os eleitores, antes é já visível a acção dos influentes, sabida a diligencia e energia dos candidatos, notorio o antagonismo dos que aspiram à eleição pelo mesmo circulo, e palpaveis as difficuldades que a descentralisação

eleitoral suscita a algumas candidaturas, mas esse redemoinhar politico, consagrado pela constituição e notado de feliz indicio pelos publicistas, nem perturbou a paz publica, nem se quer deu maior vivacidade ás lutas partidarias.

Todo o reino é paz. Não respira guerra feroz a opposição, e o governo pela sua parte dá o exemplo de serenidade ou o toma do paiz. É natural todavia que depois de publicado o decreto designando o dia das eleições se manifestem maiores signaes de agitação, sem que em paiz já tão acostumado ao exercicio do direito eleitoral o fogo das paixões politicas exceda o que se observa em casos identicos nas nações civilisadas.

O decreto a que nos referimos ainda não appareceu, e é esperado todos os dias.

Se nos negocios eleitoraes ha tamanha mansidão e cordura, nos outros não é maior o arruido e a energia dos que interessam n'elles. Não excitou o espirito publico o caso da *União Mercantil*, e se as sessões da assembléa geral da companhia das aguas não tem sido inteiramente pacificas, o desaccordo dos accionistas não chegou a ser turbulencia digna de reparo.

Fallou-se de que o governo ia agora contractar um emprestimo, mas quando a discussão principiava a apreciar a oportunidade e mais circumstancias da operação, acudiu o ministro competente com a declaração official de que não era verdadeiro o boato. Morreu ahí a questão.

Da carestia dos cereaes escreveram os jornaes, queixaram-se os negociantes e padeiros, e todos requereram pelo povo que não se queixava muito. O preço do pão justificava o queixume, mas os boatos favoraveis ácerca da colheita obrigavam a prudencia e cautella. O governo pediu informações aos governadores civis dos districtos.

Na situação politica não houve mudança visivel e o assumpto geral das conversações e dos trabalhos do maior numero é a campanha eleitoral, como já indicavamos na revista anterior; e tão subordinados andam a essa proxima solemnidade constitucional todos os negocios que nenhum adquire verdadeira importancia em quanto a urna não declarar ao paiz quaes são os seus futuros representantes.

A quadra é de esperar. Esperemos.

II

A ilha de Alsen foi tomada, e os prussianos parecendo ameaçar a de Fionen não chegaram comtudo a aggreddil-a. Tambem por esse tempo caiu em Copenhague o ministerio liberal, e organisou-se sob a presidencia do conde Moltke um gabinete mais propenso a tratar com a Prussia e com a Austria, e menos vigorosamente apoiado pelo povo dinamarquez.

O novo ministerio acceitou o encargo de negociar a paz, recorreu á benevolencia da França para o auxiliar, e dirigiu-se ás potencias invasoras tentando obter directamente o que a conferencia de Londres não havia podido conseguir.

Correram então boatos singulares ácerca das pretensões da Prussia que pedia os ducados, uma enorme indemnisação pelas despesas da guerra, e toda a esquadra da Dinamarca. Por ventura d'estas

exageradas condições partiram os esforços para conseguir uma paz fundada na justiça e no equilibrio europeu, e por consequencia a unica duravel.

Concordou-se em armisticio até ao fim de julho, e em que as negociações seriam em Vienna onde com effeito se reúnem os plenipotenciarios para esse fim. O sr. Drouyn de Lhuys em nome do governo francez aconselhou aos governos allemães a moderação que só pôde consolidar as victorias.

No meio d'estes graves negocios em que não mencionamos a viagem do duque de Glucksburgo, irmão do rei de Dinamarca, por lhe ignorarmos o objecto, publicou o *Morning-Post* varios documentos relativos aos tratados dos soberanos do norte em Kissingen. As embaixadas russa, prussiana e austriaca em Paris desmentiram logo a folha ingleza, que todavia corroborou a sua affirmativa.

A questão da Dinamarca é ainda a mais importante da Europa, e agora aggravada pela occupação de Rendsburgo em que os prussianos entraram menospresando a auctoridade da confederação germanica no Holstein. Hoje a maior difficuldade das potencias invasoras é a grandeza da victoria que alcançaram. Destruiram a Dinamarca; sentem hoje a sua falta no equilibrio europeu, e não sabem como haver-se n'este passo difficil.

A Dinamarca confessa a sua fraqueza, e a falta de condições de independencia. Quer unir-se á confederação. Ninguem acceita esta solução que entregaria á Allemanha e á Prussia as chaves do Baltico.

Quer tambem unir-se á Suecia, mas de nenhum modo o consente a Russia que mais depressa desejaria fazer de Stockolmo o que a Prussia fez da ilha de Alsen, do que augmentar a importancia de um visinho hostile accrescentando-lhe o territorio, e desenvolvendo-lhe os elementos de força naval.

Mas então reconstituam a Dinamarca, entreguem-lhe de novo os ducados, regulem melhor as relações entre elles e o governo de Copenhague, e desfaçam com a penna o que talharam com a espada. Tambem não ha quem accente este desenlace.

Veremos se Vienna consegue encontrar a solução que se não pôde descobrir em Londres, e se a França auxilia o que visivelmente não quiz coadjuvar até agora.

Em Hespanha fallou-se ultimamente da crise ministerial como acontece a miudo, promulgou-se nova lei de imprensa e resolveu-se que El-Rei fosse a França visitar o Imperador Napoleão como no verão passado a Imperatriz dos francezes viera visitar a Rainha D. Isabel II. Napoleão terá tambem em Vichy a visita do rei dos Belgas.

O ministerio Palmerston resistiu á questão dinamarqueza, mas ha

de ser longa a convalescença de enfermidade em que teve arriscada a vida, e não nos parece muito segura a saude do gabinete.

Mais firme se nos está affigurando a paz, até porque a concluir-se em Vienna será mais uma circumstancia desagradavel ao amor proprio britannico e pouco propicia á popularidade do ministerio inglez.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.